

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Faculdade de Letras
Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos

Josiane de Pádua Inácio

DA NOTÍCIA AO CARD:
um estudo de caso de retextualização e multimodalidade na UFMG

Belo Horizonte
2024

Josiane de Pádua Inácio

**DA NOTÍCIA AO CARD:
um estudo de caso de retextualização e multimodalidade na UFMG**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Daniervelin
Renata Marques Pereira

Belo Horizonte
2024

I35d

Inacio, Josiane de Pádua.

Da notícia ao *card* [manuscrito] : um estudo de caso de retextualização e multimodalidade na UFMG / Josiane de Pádua Inacio. – 2024.

1 recurso online (92 f.: il.,color., p&b.) : pdf.

Orientadora: Daniervelin Renata Marques Pereira.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Linha de pesquisa: Linguagem e Tecnologia.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 79-82.

Apêndices: f. 83-91.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística textual – Teses. 2. Modalidade (Linguística) – Teses. 3. Divulgação científica – Teses. 4. Plataformas digitais – Teses. 5. Estratégia textual – Teses. 6. Gêneros discursivos – Teses. I. Pereira, Daniervelin Renata Marques. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 418



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

DA NOTÍCIA AO CARD: um estudo de caso de retextualização e multimodalidade na UFMG

JOSIANE DE PÁDUA INÁCIO

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA APLICADA, linha de pesquisa LINGUAGEM E TECNOLOGIA.

Aprovada em 17 de maio de 2024, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Daniervelin Renata Marques Pereira - Orientadora
UFMG

Prof(a). Francis Arthuso Paiva
COLTEC - UFMG

Prof(a). Ana Elisa Ferreira Ribeiro
CEFET- MG

Belo Horizonte, 17 de maio de 2024.



Documento assinado eletronicamente por **Daniervelin Renata Marques Pereira, Professora do Magistério Superior**, em 21/05/2024, às 13:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Elisa Ferreira Ribeiro, Usuário Externo**, em 27/05/2024, às 16:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Francis Arthuso Paiva, Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 24/06/2024, às 16:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3195196** e o código CRC **0F555972**.

Para João Pedro e Mariana.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Daniervelin Renata Marques Pereira, agradeço pela orientação cuidadosa, pelo respeito às minhas escolhas e por ter conduzido nossos trabalhos de forma tão profissional, gentil e amigável.

À Prof.^a Dr.^a Ana Elisa Ribeiro, agradeço pelas palavras de incentivo que me levaram a ingressar no mestrado, pela disponibilidade e pela gentileza de compor a banca examinadora deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Francis Arthuso Paiva, agradeço pelas contribuições que trouxe como parecerista do projeto e agora também por fazer parte da banca examinadora.

À Prof.^a Dr.^a Flaviane Faria Carvalho, pelos valiosos ensinamentos durante o curso Multimodalidade em Imagens Estáticas e em Movimento.

Ao Prof. Dr. Francisco Merçon, pela interlocução tão significativa e valiosa e pela amizade.

Aos professores e funcionários do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos.

Aos colegas com quem cursei as disciplinas de Mestrado, entre os quais destaco as amigas Fernanda Riggio e Janaína Rezende, agradeço pela parceria.

Aos colegas do Centro de Comunicação da UFMG.

À amiga Cecília, pelo apoio na revisão deste trabalho e, principalmente, por cultivar nossa amizade.

À amiga Giovana, pelo apoio no processo criativo e pela escuta sempre generosa.

À amiga Magna, pela inesgotável boa vontade em ouvir minhas inquietações e pelas palavras de incentivo.

Ao amigo Louis Gui, por todo o afeto e por motivar minhas melhores risadas.

Aos meus pais, Angela e José Inácio, e à minha irmã, Flávia, em nome de quem agradeço a todos os familiares, que sempre estão ao meu lado e tornam minha caminhada mais leve e alegre.

À querida Maysa, pelo conhecimento compartilhado e pela generosidade. Obrigada, minha prima-amiga-irmã, pelas conversas diárias permeadas por afeto e cumplicidade.

Aos meus queridos Pedro, João Pedro e Mariana, por serem tão amáveis e generosos e, sobretudo, por apoiarem minhas escolhas.

"O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem".

(ROSA, João Guimarães)

RESUMO

Este trabalho se propõe a investigar o processo de retextualização de textos institucionais, de forma a torná-los mais adequados aos ambientes digitais, tendo em vista a necessidade de conformação linguístico-discursiva na transposição de um gênero a outro. Mais especificamente, a pesquisa explora um caso de retextualização no processo de criação de *cards* para a mídia Instagram, tomando-se como ponto de partida textos de gêneros do campo jornalístico. Esse processo exige que o profissional esteja atento aos sentidos pretendidos e aos aspectos textuais e contextuais relacionados à nova situação em que o texto circulará, incluindo o público-alvo, o gênero, o suporte e a plataforma. Para fundamentar essa reflexão, inicialmente, procedeu-se a um levantamento bibliográfico sobre temas como retextualização, multimodalidade, semiótica social e gêneros textuais e discursivos em âmbito institucional. O *corpus* constituiu-se da seleção de uma notícia e de uma série de *cards* derivados, ambas produzidas pelo Centro de Comunicação da UFMG, tendo como temática a pandemia de covid-19. Os procedimentos de análise consistiram em 1) observar as condições de produção e as características genéricas (conteúdo temático, forma composicional e estilo) da notícia selecionada; 2) observar as condições de produção, as características genéricas e os elementos multimodais da série de *cards* e 3) mostrar as diferenças encontradas na passagem da notícia para a série de *cards*, descrevendo o processo de retextualização na produção desses *cards*. A análise do *corpus* tomado para este estudo mostrou que, na retextualização da notícia para os *cards*, não foram consideradas informações importantes, o que pode ter prejudicado a compreensão do leitor. Esse resultado comprova a importância de considerar elementos multimodais na produção dos *cards* e de respeitar as características genéricas e as condições de produção originais dos textos de partida e chegada.

Palavras-chave: retextualização; multimodalidade; ambiente digital; *cards*; divulgação científica.

ABSTRACT

This paper intends to investigate the rewriting of institutional texts with the purpose of making them more suitable for digital environments, bearing in mind that those texts have to undergo linguistic-discursive reshaping as one genre is transposed into another. More specifically, the study explores a case in which Instagram cards are created using genre texts in the journalistic field as a starting point for the rewriting process. This process requires professionals to be aware of intended meanings, as well as of textual and contextual aspects pertaining to the new scenario in which the text will be circulated, including aspects such as target audience, genre, medium, and platform. A review of the literature available on topics such as rewriting, multimodality, social semiotics, and textual and discursive genres in the institutional realm was initially carried out to support this reasoning. The corpus consisted of selected news stories and a number of derivative cards on the COVID-19 pandemic, both produced by the UFMG Communication Center. Analysis procedures consisted of 1) observing the selected news item's production conditions and generic characteristics (thematic content, compositional form, and style); 2) observing the set of cards' production conditions, generic characteristics, and multimodal elements; 3) showing the differences found in the news item-to-card transition, describing the rewriting process involved in producing those cards. Analysis of the corpus used in this study showed that news-into-card rewriting did not factor in key pieces of information, which could have hindered readers' comprehension. Such transposition, as it occurred, led to loss of information that would have been relevant to readers' comprehension. This result corroborates the importance of considering multimodal elements in card production, as well as of respecting generic characteristics and original production conditions of both source and target texts.

Keywords: rewriting; multimodality; digital environment; cards; scientific disclosure.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Possibilidade de retextualização.....	34
Quadro 2 – Dimensões do gênero textual e discursivo.....	40
Quadro 3 – Quadro comparativo entre os elementos linguísticos do texto de partida e do texto de chegada.....	69
Quadro 4 – Proposta de retextualização do conteúdo verbal.....	73
Figura 1 – Cadeia discursiva do gênero seminal à série de <i>cards</i>	44
Figura 2 – Notícia sobre imunizante contra a covid-19.....	45
Figura 3 – <i>Cards</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	46
Figura 4 – Pesquisadora trabalhando no laboratório de Química.....	52
Figura 5 – <i>Card A</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	58
Figura 6 – <i>Card B</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	61
Figura 7 – <i>Card C</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	61
Figura 8 – <i>Card D</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	62
Figura 9 – <i>Card E</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	64
Figura 10 – <i>Card F</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	65
Figura 11 – <i>Card G</i> da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022.....	66
Figura 12 – Nova série de <i>cards</i>	74

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALMG	Assembleia Legislativa de Minas Gerais
CAV	Centro Audiovisual
CCS	Coordenadoria de Comunicação Social
CEDECOM	Centro de Comunicação
CIENP	Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos
CTVacinas	Centro de Tecnologia de Vacinas
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
FUNED	Fundação Ezequiel Dias
GDV	Gramática do Design Visual
ICB	Instituto de Ciências Biológicas
LN BIO	Laboratório Nacional de Biociências
MCTI	Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RUF	Ranking Universitário Folha
SRU	Serviço de Relações Universitárias
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFSCAR	Universidade Federal de São Carlos
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo
UTP	Universidade Tuiuti do Paraná

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 A COMUNICAÇÃO NA UNIVERSIDADE COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL	17
2.1 A produção midiática nas universidades para divulgação científica.....	19
2.2 Os gêneros acadêmicos como recursos de divulgação da produção científica nas universidades.....	21
2.3 Divulgação científica na UFMG.....	22
3 MULTIMODALIDADE E RETEXTUALIZAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	25
3.1 Semiótica Social e Multimodalidade.....	25
3.1.1 A Gramática do Design Visual.....	29
3.2 Retextualização.....	33
4 GÊNEROS TEXTUAIS E DISCURSIVOS: TEORIA E PRÁTICA DE ANÁLISE	37
5 METODOLOGIA	43
5.1 Caracterização da pesquisa e constituição do <i>corpus</i>	43
5.2 Procedimentos de análise.....	48
6 ANÁLISE DO CORPUS	49
6.1 Análise do gênero de partida (Notícia: Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec).....	49
6.2 Análise da série de <i>cards</i>	55
6.2.1 Análise do <i>card</i> A.....	58
6.2.2 Análise dos <i>cards</i> B, C e D.....	61
6.2.3 Análise do <i>card</i> E.....	64
6.2.4 Análise dos <i>cards</i> F e G.....	65
6.3 Considerações sobre a dinâmica de retextualização na produção de <i>cards</i> ..	67
6.4 Proposta de retextualização para uma melhor interação entre as instâncias de produção e recepção.....	71
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	79
ANEXOS	83

1 INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho visa descrever e investigar a retextualização de textos institucionais, processo que tem como uma das finalidades, no contexto estudado, torná-los mais adequados aos ambientes digitais, tendo em vista a necessidade de conformação linguístico-discursiva na transposição de um gênero a outro.

Há dez anos, venho desempenhando a função de revisora de textos no Centro de Comunicação (CEDECOM) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e acompanhando as mudanças no cenário comunicacional, o que me possibilitou repensar, em uma perspectiva discursiva e crítica, a minha prática profissional e os processos comunicacionais que permeiam o ambiente institucional.

O problema de pesquisa nasceu no contexto do ensino remoto implementado na universidade em razão da pandemia. O novo modelo demandou uma comunicação mais objetiva, dinâmica e de fácil alcance, o que resultou numa ampla produção de textos para veiculação nos perfis oficiais da UFMG nas redes sociais¹. Nessa perspectiva, interessaram-me as práticas de retextualização para a mídia Instagram, no processo que envolve a criação de *cards* – peça de formato quadrado, geralmente de 1080 x 1080 *pixels*, divulgada em redes sociais digitais –, tomando-se como ponto de partida textos de gêneros do campo jornalístico. Esse processo exige que o profissional esteja atento aos sentidos pretendidos e aos aspectos textuais e contextuais relacionados à nova situação em que o texto circulará, incluindo o público-alvo, o gênero, o suporte e a plataforma, principalmente.

O contexto da pesquisa se dá em um momento no qual se verifica um uso cada vez mais frequente, em ambiente digital, de textos com variados modos e recursos semióticos integrados para divulgação das produções acadêmico-científicas, que abrangem o campo do ensino, da pesquisa e da extensão nas universidades brasileiras. Considerando essa tendência, vimos a possibilidade de contribuir com a ampliação das pesquisas sobre retextualização e multimodalidade em contexto de uso institucional de redes sociais digitais, uma vez

¹ X (antigo Twitter), Facebook, Instagram, LinkedIn, YouTube, Medium, Snapchat, Tumblr, Flickr, Pinterest, Telegram, Treads.

que se trata de uma temática contemporânea e ainda pouco explorada sob o viés dos Estudos da Linguagem.

Neste estudo, contemplamos apenas as produções da UFMG. Analisamos *cards* institucionais – textos que são veiculados em redes sociais digitais, como Instagram, e que carregam em sua composição variados recursos visuais, sonoros e verbais para comunicar, de forma resumida e atrativa, valores institucionais para um grande público, não só acadêmico.

É fato que os textos que são veiculados nas mídias sociais da UFMG, na maioria das vezes (ou quase sempre), são resultado de processos de recriação de conteúdos divulgados em outros gêneros. Assim, é comum que, simultaneamente, um determinado conteúdo esteja sendo divulgado em diferentes gêneros por meio de diferentes canais, de forma a alcançar o maior número de leitores possível e públicos-alvo de perfis variados. Um resultado de pesquisa acadêmico-científica, por exemplo, pode ser divulgado no Portal UFMG por meio de um texto jornalístico (do gênero notícia ou reportagem), e esse texto servir como ponto de partida para a produção de outros que serão veiculados nos perfis oficiais da instituição nas redes sociais (*card* do Instagram, por exemplo). Coube, então, analisar como estão sendo feitas essas retextualizações, que exigem recursos multimodais, a partir do estudo de um processo de retextualização. Nesse sentido, o estudo se orientou pelas seguintes questões: como ocorre, em ambiente institucional, o processo de retextualização em gêneros digitais que circulam nas redes sociais *online*? Como a multimodalidade tem sido usada nesse processo?

Constitui objetivo geral do presente trabalho analisar uma série composta de sete *cards* institucionais da UFMG elaborados por meio da retextualização de textos de outros gêneros institucionais mais formais e estáveis, como é o caso da notícia de jornalismo científico, para identificar os recursos semióticos mobilizados na produção dos *cards*.

Esse objetivo geral se desdobrou nos seguintes objetivos específicos: a) analisar uma série composta de sete *cards* institucionais veiculados no perfil oficial da UFMG no Instagram, observando-se, particularmente, sua relação com um gênero institucional de mesma identidade temática que foi empregado na retextualização, a fim de verificar o que se manteve e o que foi alterado; b) analisar aspectos da multimodalidade presentes na série de *cards* selecionada como *corpus*,

a fim de compreender a maneira como os recursos semióticos são mobilizados pelos produtores, os sentidos que podem ser atribuídos na escolha, a relação entre eles e os efeitos de sentido produzidos nesse processo.

Para alcançar os objetivos propostos, tomou-se como objeto de análise o *corpus* constituído de uma notícia intitulada “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec” (ANEXO A), publicada em 4/10/2022, no Portal UFMG, e uma série de *cards* produzida em campanha institucional (ANEXO B), publicada no perfil oficial da UFMG no Instagram em 5/10/2022, tendo como temática a pandemia de covid-19.

A escolha desse *corpus* se deu em razão dos elementos que ele oferece para explorar o tema neste trabalho, considerando a forma como foi feita a transposição de um gênero a outro pelos profissionais do CEDECOM. A análise dos recursos utilizados nessa transposição, bem como a sua adequação ao novo portador, pode vir a ser aproveitada para ajudar os profissionais de comunicação nas suas atividades diárias, uma vez que esse aporte teórico pode lhes ser útil para repensar o fazer intuitivo. Além disso, trata-se de uma notícia de jornalismo científico, que é o gênero eleito para este estudo.

No capítulo 2, apresentamos uma breve exposição sobre o contexto comunicacional das universidades, abordando aspectos como a produção midiática nas universidades para divulgação científica, os gêneros acadêmicos como recursos de divulgação da produção científica nas universidades e, mais especificamente, a divulgação científica na UFMG.

No capítulo 3, tecemos uma fundamentação teórica relacionada à multimodalidade e à retextualização em ambientes digitais. Para isso, buscamos contribuições de autores de referência que se dedicam aos temas semiótica social e multimodalidade, gramática do *design* visual e retextualização.

O capítulo 4 concentra uma explanação sobre os gêneros textuais e discursivos, uma vez que a compreensão das dimensões constitutivas dos gêneros que compõem a cadeia discursiva – desde a publicação do artigo até a retextualização do conteúdo para o formato de *cards* – será importante para nossas análises.

Os capítulos 5 e 6 se dedicam a explicar a metodologia empregada nesta pesquisa para chegar aos resultados almejados, ou seja, a constituição e análise do

corpus pré-definido, bem como os procedimentos adotados para alcançar os objetivos propostos.

2 A COMUNICAÇÃO NA UNIVERSIDADE COMO RESPONSABILIDADE SOCIAL

A comunicação viabiliza o relacionamento entre universidade e seus diversos públicos. Toda a produção sistematizada de conhecimento acadêmico-científico, no âmbito do ensino, da pesquisa e da extensão, precisa ser amplamente divulgada para que, como instituição pública, a universidade cumpra seu papel de prestadora de serviços à comunidade, pois, como órgão público, precisa democratizar suas conquistas e compartilhar seus avanços em prol do bem social.

A respeito dessa responsabilidade social das universidades, Kunsch (1996, p. 47) defende que

No mundo contemporâneo, a universidade tem não só o dever, mas também a responsabilidade social de difundir sua pesquisa, de forma aberta, a toda a sociedade. Não se justifica mais uma produção científica enclausurada em arquivos e prateleiras com restrito acesso de uma minoria privilegiada. É preciso democratizar a universidade. Um serviço de comunicação é o melhor caminho para a abertura de novos canais de diálogo dentro e fora da universidade.

Nesse sentido, para atender a responsabilidade social e cumprir sua missão, a universidade, no que se refere à tradição dos textos formais e dos gêneros da esfera científica, está mais receptiva a adotar gêneros com interseção entre essa esfera e a midiática. Dessa forma, por meio de uma comunicação mais objetiva, dinâmica e interativa, a universidade acompanha o movimento de abertura e aproximação com a sociedade.

Assim como Kunsch (1992), defendemos o papel da universidade na construção da sociedade contemporânea, por suas próprias finalidades: “Ela tem um compromisso com o passado, preservando a memória; com o presente, gerando novos conhecimentos e formando novos profissionais; e com o futuro, funcionando como vanguarda” (Kunsch, 1992, p. 23).

Parece-nos que a comunicação institucional adquire destaque nesse contexto, uma vez que aproxima os membros da comunidade acadêmica em prol de objetivos comuns, ao mesmo tempo que dá à sociedade uma contrapartida informacional acerca das pesquisas desenvolvidas. Temos, então, o que se entende por jornalismo científico, considerado como um dos principais responsáveis por fazer

o conhecimento ultrapassar os muros da comunidade científica. Como descreve Bertolli (2006), o jornalismo científico é um

produto elaborado a partir de certas regras rotineiras de jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que torna fluida a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado (p. 3).

No que diz respeito especificamente à divulgação científica, Tôzo (2023), em artigo dedicado a apresentar as contribuições do jornalismo científico produzido nas universidades públicas, endossa o que disse Kunsch (1996) em trecho transcrito anteriormente. Para a autora, “tornar públicas questões relevantes ligadas à ciência tem papel central nas sociedades, particularmente no contexto das democracias, da cidadania, do direito à informação e do desenvolvimento da própria ciência” (Tôzo, 2023, p. 1). Essa afirmativa ganha ainda mais pertinência numa época em que as universidades abraçaram a função de defender responsabilmente a informação fidedigna diante das ameaças das *fake news* que se disseminaram sobretudo durante a pandemia de covid-19, período em que, na opinião de Tôzo (2023), houve uma revalorização importante do jornalismo, não só o produzido pelos meios de comunicação tradicionais, como também o que é feito nas universidades públicas. No que se refere ao trabalho realizado pelo Centro de Comunicação da UFMG, por exemplo, essa revalorização foi notória, pois nunca a universidade dependeu tanto dos seus meios de comunicação (rádio, TV, portal, perfis nas redes sociais) para levar até a sociedade informação de confiança e também para divulgar as ações realizadas no contexto da crise sanitária.

Borges (2022), citado por Tôzo (2023, p. 10), reconhece que

A produção do jornalismo pela universidade tem inúmeras vantagens, como a facilidade de acesso aos pesquisadores e o fato de ser um jornalismo que conhece as regras e a dinâmica do que seria importante, do que o público precisaria saber (no sentido de estar conectado ao interesse público), sem as amarras da busca por cliques e patrocinadores.

Nas considerações finais de seu trabalho, Tôzo (2023), com base em entrevistas realizadas, confirma que a ciência é uma pauta encontrada no jornalismo

praticado nas universidades públicas, e, respaldada nas falas de seus entrevistados, a autora diz que isso se dá por duas razões: é uma maneira de a universidade prestar contas à sociedade e é um meio de ampliar o acesso à informação científica fidedigna a que toda a comunidade tem direito.

2.1 A produção midiática nas universidades para divulgação científica

Nesta seção, apresentaremos um panorama de como as universidades têm divulgado a ciência que produzem, observando quais os canais de divulgação utilizados para dar visibilidade às suas produções e por que é importante essa visibilidade tanto para a comunidade interna quanto externa.

A produção midiática, ferramenta essencial para a divulgação científica, desempenha papel fundamental nas universidades, uma vez que ela possibilita que o conhecimento produzido nas instituições acadêmicas alcance um público mais amplo. Ao dar visibilidade às suas pesquisas, descobertas e inovações, as universidades compartilham conhecimento e promovem engajamento público com a ciência, fortalecendo a relação entre academia e sociedade. Nesse sentido, diversas estratégias têm sido adotadas pelas universidades a fim de dar visibilidade às suas produções científicas, por meio de portais de notícias, redes sociais, eventos científicos, canais de vídeos, entre outros.

Pesquisa realizada na década de 2010, com base no mapeamento das 50 universidades mais bem posicionadas no Ranking Universitário Folha (RUF, 2015), mostrou que apenas 15 instituições reservavam uma plataforma específica para divulgação científica (Queiroz; Becker, 2016, p. 186). Essa informação destaca a importância de promover a disseminação do conhecimento acadêmico e científico por meio de plataformas acessíveis e eficazes.

Moser (2022), em sua dissertação intitulada “Comunicação e universidades: a comunicação pública da ciência e a divulgação científica em universidades públicas do Sul do Brasil”, também apresenta dados de pesquisas realizadas na década de 2010 em portais de quatro universidades brasileiras de grande porte (PUCRS, UTP, UEL e UFSC) e afirma que, apesar de todas elas terem estrutura de comunicação, apenas duas trouxeram relatos da área de pesquisa durante o período de análise

(uma semana). A divulgação, de fato, dedicou-se a temáticas como ensino, extensão e burocracia administrativa.

No que se refere às universidades da região Nordeste, Moser (2022) reproduz dados de pesquisa de Costa (2019), segundo os quais das 18 instituições federais apenas cinco possuíam ações sistemáticas de comunicação pública da ciência, e as demais, por sua vez, promoviam ações pontuais, sem articulação com a comunicação institucional. Observou-se também a descontinuidade das ações em razão da influência de fatores institucionais, como políticas internas e estrutura de pessoal.

Apresentando dados mais recentes, Moser (2022) traz a pesquisa de Treulieb (2020) sobre o uso das novas mídias na divulgação científica realizada pelas universidades públicas do Estado de São Paulo (USP, UNESP, UNICAMP, UNIFESP, UFSCAR, UFABC), chamando a atenção para considerável produção no campo da divulgação científica pelas universidades analisadas, em diferentes mídias e formatos. Segundo a pesquisadora, que analisou portais, revistas e jornais (impressos e *online*), *blogs*, *podcasts*, vídeos para YouTube, redes sociais e *newletters*, embora haja produção em diferentes mídias, muitas vezes o material não circula o suficiente para alcançar um público amplo.

Em pesquisa atual, Tôzo (2023) levantou dados de 109 instituições (69 federais e 40 estaduais). O levantamento consistia em analisar se a instituição mantinha algum espaço na *home* para a pauta de ciências ou uma página e/ou canais específicos – sites, jornais, revistas, boletins, *podcasts* – de jornalismo científico. A pesquisadora chegou à conclusão de que apenas 46 instituições (36 federais e 10 estaduais) mantinham algum espaço dedicado a essa temática. A autora reconhece, contudo, o esforço das universidades analisadas na manutenção das práticas de jornalismo científico, considerando-se o contingenciamento de verbas e o desprestígio por parte do governo federal anterior com a pauta da educação e ciência.

Por fim, a autora (2023) ressalta que a produção midiática das universidades para divulgação da ciência ainda tem o mérito de atrair o olhar da grande mídia para o que acontece no interior da universidade, pois há relatos de que ela só procura a universidade após a publicação dos conteúdos em seus canais, “seja para produzir sua própria pauta ou simplesmente copiar e colar o material” (Tôzo, 2023, p. 13).

Em suma, dar visibilidade à produção científica fortalece a posição das universidades como centro de excelência acadêmica, bem como promove o engajamento acadêmico, o reconhecimento do trabalho científico, impacta a sociedade e, em última instância, atrai recursos externos.

2.2 Os gêneros acadêmicos como recursos de divulgação da produção científica nas universidades

Barbosa (2018), em artigo que trata do gênero textual como elemento de divulgação científica, embasa sua abordagem no pressuposto de que o processo de divulgação científica feito pelos órgãos de comunicação de uma universidade se dá por meio da transposição de um gênero textual-fonte – um artigo científico, por exemplo – em um outro gênero que nasce com o objetivo de divulgar esse conteúdo científico, de forma a facilitar o acesso da população leiga à informação. Nasce, dessa forma, as matérias jornalísticas, que são desdobramentos de entrevistas, artigos, teses, dissertações, entre outros, para serem publicadas em sites, revistas, informativos e, atualmente, nos perfis das mídias sociais. Segundo a autora (2018, p. 25), “cientistas que escrevem artigos científicos, e jornalistas que escrevem matérias sobre ciência têm, em princípio, a mesma função: trabalhar para a democratização do conhecimento, colaborando para a divulgação de descobertas científicas”.

No entanto, a pesquisadora ressalta que, apesar dessa proximidade no que se refere ao objetivo maior, que é a divulgação de um feito científico, na esfera do discurso, os textos científicos propriamente ditos diferem-se das matérias que se prestam a divulgá-los. E essa diferença é assim delimitada pela autora:

O artigo científico é produzido em uma dimensão social muito específica, geralmente em centros de pesquisa ou universidades. [...] Fora de uma publicação científica ou do ambiente acadêmico ele não atinge o objetivo de informar tornando-se, pois, um discurso sem eficiência. Esse tipo de gênero tem uma função bem delimitada, que é a divulgação científica entre pesquisadores, uma vez que somente estes têm o repertório necessário para compreender este discurso de forma integral. A matéria jornalística, apesar de tratar do mesmo tema de um artigo científico (ciência) é um gênero produzido em uma dimensão social mais abrangente mais difícil de ser delimitada, uma vez que o discurso é destinado à sociedade como um todo, ele

segue o padrão de usar vocabulário simples e inteligível, frases pouco complexas e metáforas, que cumprem o papel de aproximar o destinatário do assunto que o texto reporta (Barbosa, 2018, p. 26).

Pereira (2022, p. 75), em referência às considerações de Leibrunder (2002) sobre o discurso de divulgação científica e a transmissão de informações, diz que a autora considera que ocorre aí “uma interseção entre os gêneros discursivos científico e jornalístico” . Entende-se dessa afirmativa que se trata de um discurso que intenciona a objetividade própria da atividade científica, mas que não deixa de apresentar marcas de subjetividade em razão do tipo de linguagem (mais coloquial, pode-se dizer) que geralmente se emprega para alcançar um público leigo. Ou seja:

A divulgação científica feita por um jornalista-divulgador permite ao grande público ter acesso às informações científicas, muitas vezes distante dele pelo hermetismo estabelecido pela linguagem especialista. Dessa forma, “o divulgador opera o que denominamos de tradução intralingual (Leibrunder, 2002 *apud* Pereira, 2022, p. 75).

A seguir, para melhor entendimento da temática proposta nesta pesquisa, assim como para conhecimento dos processos comunicacionais em uma universidade pública federal de grande porte, apresentamos um breve estudo sobre o contexto de comunicação da UFMG, iniciando pela primeira estrutura de comunicação da universidade até a institucionalização do Centro de Comunicação (CEDECOM).

2.3 Divulgação científica na UFMG

A Universidade Federal de Minas Gerais, a fim de orientar os fluxos e os processos comunicacionais relacionados à identidade, à marca, à imagem e à reputação da instituição, aprovou, em março de 2023, sua Política de Comunicação, por meio da Resolução nº 02/2023. Embora a formalização de uma política tenha ocorrido muito recentemente, a UFMG, desde 1966, já mantinha estruturas de comunicação, com o intuito de fortalecer sua legitimidade social e reforçar seu caráter democrático e plural.

A comunicação institucional na UFMG teve início com a criação do Serviço de Relações Universitárias (SRU) e do Centro de Recursos Audiovisuais em 1966. O Boletim Informativo da Reitoria – hoje Boletim UFMG – é uma das ações resultantes do trabalho da SRU. Em circulação desde 27 de setembro de 1974, com periodicidade semanal, o Boletim UFMG é a mais regular publicação jornalística editada por uma universidade brasileira. A implantação do Centro de Recursos Audiovisuais possibilitou a criação de produtos para fins de formação, publicidade e *marketing* e, mais tarde, já com o nome de Centro Audiovisual (CAV), o órgão passou a produzir fotografias, vídeos e peças gráficas de divulgação de eventos organizados pela UFMG.

Outra estrutura importante para a construção da comunicação na universidade foi a Coordenadoria de Comunicação Social (CCS). Responsável pela produção jornalística da UFMG e pelo relacionamento da instituição com a mídia, a CCS foi instalada em 1987. Anos depois, em 1996, com o propósito de unificar o processo de comunicação da universidade e facilitar a integração dos setores, CAV e CCS foram reunidos em um só ambiente, sob a denominação de Centro de Comunicação (CEDECOM).

Após quase três décadas de atuação na universidade, o CEDECOM foi institucionalizado como órgão auxiliar da reitoria em 2021, e o CAV e a CCS foram extintos. Atualmente o CEDECOM é responsável pela gestão do Portal UFMG, do Boletim UFMG, da Rádio UFMG Educativa, da TV UFMG, dos núcleos Web e Comunicação Integrada e das Redes sociais da UFMG (Facebook, X, Instagram, Treads, YouTube, LinkedIn, Tumblr, Flickr, Medium, Snapchat, Pinterest e Periscope).

Na UFMG, a produção acadêmico-científica é divulgada não só por meio de textos jornalísticos veiculados no portal oficial da universidade, como também por outros gêneros textuais e discursivos compatíveis com as redes sociais Instagram, Facebook, X, YouTube, entre outros canais de comunicação que hoje têm um alcance bem maior e mais rápido, em razão dos recursos que utilizam para promover a interatividade. Assim sendo, se antes a simples transposição de um texto científico para um outro jornalístico de divulgação científica, num processo a que Leibrunder (2022) denominou “intralingual”, já exigia algumas adaptações na linguagem, hoje, os textos criados para serem veiculados nas redes sociais vão

além, pois, apesar de se prestarem também a fazer divulgação de conteúdo, requerem uma integração de recursos semióticos, em que é notória a economia da linguagem verbal, uma vez que esta deve ser integrada aos recursos imagéticos.

No próximo capítulo, apresentamos uma resenha teórica sobre multimodalidade e retextualização em ambientes digitais, relacionando perspectivas fundamentais a este estudo, como a Semiótica Social e a Gramática do Design Visual.

3 MULTIMODALIDADE E RETEXTUALIZAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS

Neste capítulo, são apresentadas as teorias que fundamentam esta dissertação e os conceitos que embasam a pesquisa.

3.1 Semiótica Social e Multimodalidade

O conceito de multimodalidade é necessário para se entender a relação entre texto, discurso e produção de sentidos (Ribeiro, 2020). Adota-se, assim, como fundamento teórico desta pesquisa, a concepção de texto multimodal de Kress e Van Leeuwen (2001, 2006), apresentada como alternativa para análise de textos que são produzidos sem a predominância de um único modo semiótico.

Iniciando pelo conceito de texto, encontramos em Kress (2003, p. 92, tradução nossa) a noção de que “texto é a categoria que se refere aos aspectos materiais da linguagem, o fenômeno tangível”². Na materialização da linguagem em forma de texto, atuam diversos recursos orquestrados de forma interdependente, em uma harmonia semiótica com vistas a construir significados discursivos.

O discurso, por sua vez, também na perspectiva sociosemiótica, está relacionado ao significado, como este é produzido e organizado na sociedade por meio de posições e lugares institucionais, tais como a religião, o Estado, a escola, entre outros. Assim, o que determinaria a produção do conhecimento, a sua conformação e a sua circulação seriam os contornos institucionais. Partindo desse pressuposto, os discursos atuam como “fontes de significado disponíveis em uma sociedade para dar sentido ao mundo, social e natural”³ (Kress, 2010, p. 110, tradução nossa).

Avançando na discussão e articulando as concepções de texto e discurso, Paiva (2013), com base em Kress e Van Leeuwen (2001), postula que os sujeitos, ao utilizarem diferentes modos para fazer veicular seus discursos, produzem textos multimodais.

² “Text is the category which refers to the material aspects of language, the tangible phenomenon” (Kress, 2003, p. 92).

³ “[...] meaning-resources available in a society to make sense of the world, social and natural” [...] (Kress, 2010, p. 110).

Chegamos, então, ao conceito de multimodalidade que, para Kress e Van Leeuwen (2001, p. 2), é a “[...] combinação de modos semióticos em uma produção ou evento semiótico”. Em acréscimo, os autores entendem ainda a multimodalidade como o emprego de diversos modos semióticos no *design* de um produto ou evento semiótico. Esses modos podem ser combinados de maneiras variadas, produzindo uma sensação de reforço (“dizer o mesmo de maneiras diferentes”); desempenhando papéis complementares ou, ainda, atuando como parte de uma hierarquia, sempre a favor do propósito de uma instância de produção discursiva. Portanto, para essa concepção de linguagem semiótica, o visual se constitui como texto, como unidade capaz de produzir sentido (Paiva, 2013).

Outro conceito fundamental para essa perspectiva teórica é o de modo, definido por Kress (2001, p. 21-22) como:

recursos semióticos que permitem a realização simultânea de discursos e tipos de (inter)ação. Os *designs* usam esses recursos combinando modos semióticos e selecionando entre opções disponíveis de acordo com os interesses de uma situação de comunicação particular.

Em conformidade com Gualberto e Santos (2019), pode-se afirmar que a multimodalidade não é uma teoria, mas uma característica inerente a todos os textos. “Sob esse ponto de vista, os textos sempre possuem mais de um modo semiótico envolvido em sua constituição, sendo, portanto, multimodais” (Gualberto; Santos, 2019, p. 6). No mesmo sentido, Ribeiro (2020, p. 28) entende que “a multimodalidade, tal como afirma Kress (2003, e em muitos outros textos com colaboradores), é aspecto inerente e constitutivo de todo texto, muito antes do surgimento das tecnologias digitais [...]”.

O termo “multimodalidade” ressalta a importância de se considerarem outras semioses – imagem, música, gesto, por exemplo –, além do elemento verbal como signo linguístico. A crescente disseminação de textos multimodais justificaria o interesse pela complexidade multisemiótica das representações que produzimos e vemos ao nosso redor (Gualberto; Santos, 2019).

Citando Iedema (2003, p. 33), Gualberto e Santos (2019) enfatizam ainda que uma análise multimodal da criação de significados foca a descentralização da língua verbal como forma privilegiada de produção de sentidos, assim como a expansão

dos limites tradicionais que se atribuem à linguagem, como página, *layout*, imagem e *design*. Desse modo, uma análise multimodal se fundamenta em uma perspectiva sociosemiótica da multimodalidade, que se afasta da tradição de se manter o foco no verbal e considera os outros modos como secundários, ao mesmo tempo que considera todos os modos como de igual importância.

Isso ocorre porque, ao produzir um texto, o sujeito sugere sua intencionalidade por meio de diferentes recursos, como as luzes (nitidez, realce etc.); a tipografia (uso de cores para destacar determinadas palavras ou frases, de negrito no realce de uma informação, ou o emprego de caracteres diferentes); a imagem (tamanho, sobreposição etc.); a escrita (pontuação, espaços entre palavras e blocos de palavras em diferentes cores). Esses são recursos igualmente importantes para o propósito enunciativo. Em outras palavras, todos os modos são escolhidos e organizados no espaço visual de acordo com suas potencialidades e com as intencionalidades do produtor, as quais concorrem para a produção de sentido no conjunto modal.

Nesse aspecto, Ribeiro (2021) ressalta o papel desempenhado pelas novas tecnologias digitais, uma vez que elas tornaram acessível aos seus usuários uma vasta gama de recursos semióticos, permitindo a eles administrar os modos e implementar uma proposta multimodal de maneira mais autônoma e até autodidata, com um mínimo de conhecimento técnico.

Sob o ponto de vista semiótico postulado por Kress e Van Leeuwen (2006), o verbal e o imagético são considerados modos igualmente eficientes de veiculação do discurso. Eles carregam significados diferentes, porque são modos diversos, razão pela qual cada um deles é mais apropriado para um tipo de informação, com limitações e habilidades distintas para apresentar determinado conteúdo (Paiva, 2013). Na comunicação contemporânea, subsistem diversos modos integrados de produção e orquestração de sentidos, como explica Paiva (2013, p. 121):

Um evento linguístico, por exemplo, pode narrar algo sem um protagonista, pois há recursos linguísticos para isso como pronomes, retirada do agente da passiva, entre outros. Já o visual precisa mostrar o evento acontecendo, com os atores, em tempo presente. Por outro lado, o linguístico tem dificuldades para representar eventos cíclicos. Para isso é necessário uso de várias orações. O visual possui recurso como setas em fluxogramas e esquemas para representar eventos cíclicos.

Kress e Van Leeuwen (2001) defendem, dessa forma, que o discurso se realiza em vários modos, de maneira que elementos como cores, *frames*, tipografias, entre outros, são considerados modos válidos de realização do discurso. Podem ser somados a esses elementos aspectos como a cor da palavra, seu tamanho, o uso de maiúsculas/minúsculas, sua distribuição, fios, linhas, caixas de texto, cores, contrastes, espaços em branco que ajudam na separação ou na junção de informações, números e suas relações, todos eles empregados e orquestrados a fim de compor textos de circulação social, importantes em seus propósitos (Ribeiro, 2020).

Considera-se, portanto, que o verbal não é sempre o mais efetivo recurso em todos os eventos de comunicação, já que alguns significados podem ser mais bem recebidos em um modo do que em outro. O ato de se selecionar o modo de realização do discurso mais adequado a um propósito específico, a um público e à ocasião da produção do texto recebe a denominação de prática comunicacional. A prática comunicacional envolve também a seleção da forma material de realização entre um repertório cultural e do modo que o produtor julga ser mais efetivo em relação aos seus propósitos e o discurso a ser articulado (Kress e Van Leeuwen, 2001 *apud* Paiva, 2013).

A respeito das estratégias subjacentes ao processo de seleção de recursos semióticos, Gualberto (2016, p. 63, grifos do autor) esclarece que:

a ênfase pode ser representada de várias formas, dependendo do modo de comunicação em que se encontra. **Na fala**, ela pode se dar por meio do tom de voz; **na tipografia**, recursos como itálico e negrito são comumente utilizados para esse fim; **na escrita**, observam-se as letras maiúsculas e o sublinhado; **no layout**, a posição dos elementos e o tamanho de cada um são recursos frequentes para expressar a ênfase.

Por fim, refletindo a respeito da compreensão da multimodalidade no campo dos estudos linguísticos, Ribeiro (2021, p. 28) observa que a Linguística ainda se interessa apenas timidamente por aspectos que não estejam relacionados ao que é estritamente verbal. A autora traz as palavras denunciadoras de Kress (2001), segundo as quais “os linguistas não têm considerado camadas de expressividade do *design*” e critica “a noção do senso comum de que o significado reside na linguagem verbal”. Por entender que o significado se concentra apenas na linguagem verbal,

todas as outras formas de representar, de comunicar ou de interagir por meio da linguagem seriam consideradas “extralinguísticas” ou “paralinguísticas” no interior dos estudos linguísticos, concepções que Ribeiro (2021, p. 28) considera indefensáveis nos dias de hoje.

Na mesma perspectiva, Barbosa (2023) salienta que a ampla circulação de textos multimodais, impulsionada pelos avanços nas tecnologias digitais, requer, tanto da instância de produção quanto da recepção de textos, um conjunto de novas habilidades e um repensar de concepções que foram desenvolvidas em um tempo no qual o modo verbal era o dominante (Kress, 2010 *apud* Barbosa, 2023).

A Gramática do Design Visual (GDV), desenvolvida por Kress e Van Leeuwen (2006), propõe um redirecionamento do olhar que privilegia a linguagem verbal apenas, de forma que sejam considerados os outros modos semióticos na produção de sentidos. No tópico seguinte, apresentamos uma discussão acerca da Gramática do Design Visual.

3.1.1 A Gramática do Design Visual

Sustentando-se nos postulados da Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday e com o intuito de operacionalizar a leitura e a análise dos recursos sociosemióticos de um texto, Kress e Van Leeuwen (2006) elaboraram a Gramática do Design Visual (GVD).

Gualberto (2016, p. 65) afirma que, na GVD, “os autores [Kress e Van Leeuwen] apresentam categorias específicas que contribuem para o levantamento de possíveis mensagens que as imagens veiculam e sentidos que potencialmente produzem”.

Na Gramática Sistêmico-Funcional, Halliday e Matthiessen (2004) identificaram três tipos de trabalho semiótico na linguagem verbal e os classificaram em metafunções, a saber: ideacional, interpessoal e textual. Na ampliação proposta por Kress e Van Leeuwen (2006), há uma reelaboração das metafunções para que possam se adequar também à análise de imagens.

No contexto da GDV, a metafunção ideacional concebe os enunciados como representações, e as imagens são “[...] analisadas a partir dos fatores que sugerem ou revelam a representação proposta pelo texto e as interações entre os

participantes que possam estar envolvidos na imagem” (Gualberto, 2016, p. 66). A esses participantes, Kress e Van Leeuwen (2006) chamam de interativos e representados. Enquanto os representados são constituídos como o assunto da mensagem (referente) e podem ser pessoas, lugares e coisas, os interativos são os participantes do ato comunicativo, ou seja, as pessoas reais. A metafunção ideacional subdivide-se em dois tipos de estruturas, que são a narrativa e a conceitual.

A metafunção interpessoal trata da interação entre imagens, participantes representados e interativos. Observa-se aqui como o texto se apresenta para seu observador: se é convidativo, autoritário, interpelativo ou pessoal. A interação entre participantes e textos é categorizada por Kress e Van Leeuwen (2006) em três dimensões, denominadas dimensões de enquadramento, perspectiva e olhar.

As dimensões de enquadramento analisam o distanciamento entre os participantes e o texto em três planos: *close-up* ou plano fechado, que sugere proximidade; plano médio, que indica distanciamento social, e plano aberto, o qual provoca a impressão de maior distância na interação entre os participantes.

A categoria de perspectiva, por sua vez, abrange a análise do ângulo ou ponto de vista a partir do qual os participantes são mostrados. Os ângulos podem ser, entre outros: alto (olhado de cima para baixo); frontal (sugere envolvimento); baixo (de baixo para cima) etc. Ao disponibilizar o ângulo de visão do produtor da imagem, a perspectiva veicula uma interpretação subjetiva da realidade sobre a imagem.

O olhar reflete o modo como se mostra o participante representado na imagem, o que provoca um senso de interação. O olhar pode ser de demanda ou de oferta. A demanda se verifica quando o participante representado olha diretamente para o leitor, em forma de interpelação. Já o olhar de oferta, que é indireto, estabelece um relacionamento mais convidativo ao observador a interagir com a imagem.

Por último, a metafunção textual relaciona-se à estrutura e à organização dos elementos no texto, de acordo com o espaço ocupado em toda a dimensão composicional, bem como a relação que se estabelece entre os modos escrito e visual. Ela é constituída por meio de três aspectos: o valor de informação

(centro/margem, dado/novo; direita/esquerda, ideal/real; superior/inferior); a moldura ou enquadramento e o aspecto de saliência.

Segundo Gualberto (2016, p. 68), o valor de informação diz respeito ao “*arranjo* dos elementos na página, no que se refere à posição que cada um ocupa na composição, isto é, o que está no centro, à esquerda, à direita, na parte superior e na inferior”. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006), o valor de informação se realiza de maneira diferente dependendo do contexto de cultura das sociedades.

A moldura ou enquadramento é um critério de sintaxe visual da composição do texto, que tem o propósito de tanto “indicar o pertencimento de certos elementos a um conjunto maior quanto sugerir que eles são opostos, ou que fazem partes de entidades distintas” (Gualberto, 2016, p. 70). Materializa-se por meio de bordas, margens, espaços em branco que separam modos e recursos e outros.

A saliência, último aspecto da composição textual, é utilizada quando o produtor do texto deseja atrair a atenção do observador para um ponto específico da imagem. Para essa finalidade, pode destacar elementos e empregar recursos como: nitidez de foco, contraste de cor, aumento do tamanho de um elemento ou elementos no texto; apresentação do participante em primeiro plano ou sobreposto, entre outras maneiras para dar mais visibilidade ao que intenciona de fato realçar (Kress; Van Leeuwen, 2006).

As três funções – ideacional, interpessoal e textual – serão utilizadas como suporte teórico-metodológico para a realização das análises, ocasião em que serão abordadas mais profundamente. No entanto, é válido complementar que as metafunções se aplicam também à análise das cores e das tipografias.

Em relação às cores, Carvalho (2013) argumenta que uma cor pode desempenhar função ideacional ao ser usada para denotar indivíduos, lugares e coisas específicas, em classes e em ideias mais gerais sobre o mundo. Como exemplo, a autora cita as cores das bandeiras, dos uniformes, dos mapas e dos logotipos de marcas, que, em seu ponto de vista, distinguem e demarcam suas respectivas identidades.

Da mesma forma, a cor também desempenha função interpessoal à medida que realiza “atos de cor”, o que implica “fazer coisas para si ou para os outros, tais como impressionar ou intimidar o espectador com um endereçamento de poder, alertar contra perigos pelas pinturas em tonalidade laranja, ou mesmo relaxar

indivíduos hostis e agressivos por meio do uso do rosa em ambientes fechados” (Kress; Van Leeuwen, 2002, p. 348 *apud* Carvalho, 2013, p. 49).

A função textual da cor está relacionada aos mecanismos que promovem a coesão e a coerência entre os elementos do texto, assim como a coordenação de cores, ou, ainda, a distinção dos elementos entre si (Carvalho, 2013).

No que diz respeito às tipografias, Carvalho (2013) explicita que, assim como as palavras, a forma também tem o potencial de influenciar o posicionamento do leitor e de conduzir seu raciocínio para a conclusão pretendida pelo autor. Diante dessa constatação, justifica-se a importância de “conhecer a história e a estrutura dos principais grupos de letras é de fundamental relevância, a fim de que se possa explorar adequadamente o significado potencial dos diferentes conjuntos tipográficos” (Carvalho, 2013, p. 50).

Contemporaneamente, distinguem-se na tipografia dois padrões mais ou menos cristalizados: o primeiro, inspirado na impressão clássica romana, caracterizada por linhas decorativas ou serifas, que se aproxima da escrita manual e remete a valores culturais, históricos e sociais; o segundo já concernente à era industrial, com impressão simples, geométrica e sem serifas, variedades tipográficas pragmáticas e adequadas a textos de informação impessoais e objetivos, como cabeçalhos, títulos e epígrafes (Graddol, 1997 *apud* Carvalho, 2013).

No que tange às três metafunções, identificamos, com Carvalho (2013), que a função ideacional presente na tipografia representa ideias, ações e qualidades relacionadas à identidade, criando um determinado perfil ou determinada personalidade para o seu usuário. A função interpessoal se verifica quando permite ao indivíduo estabelecer interações e expressar atitudes em relação ao que está sendo representado, seja por demandas explícitas, seja pelo mecanismo da persuasão. A metafunção textual, por sua vez, ocorre na demarcação de elementos ou unidades de um texto e suas partes informacionais.

Por fim, é oportuno relatar que, na elaboração do referencial teórico-metodológico do presente trabalho, surgiu um questionamento acerca do estatuto ou categorização do *card* no interior das práticas de linguagem. Inicialmente, tendemos a categorizar o *card* como um gênero textual e discursivo. De início, pareceu-nos possível e acertado identificar e descrever, em sua materialidade, as três dimensões genéricas descritas por Bakhtin (2011), que são a

estrutura composicional, o conteúdo temático e o estilo, assim como os elementos do contexto de produção, circulação e as funcionalidades do *card*. No entanto, com o avanço das leituras e das reflexões, compreendemos que o *card* é um modo semiótico (*layout*) e não necessariamente um gênero textual e discursivo:

Gualberto e Kress (2019, p. 582) dão um conceito de *layout* relevante para a minha análise neste artigo. Para eles, o *layout* tem lógica modular ao arranjar em uma tela ou página os elementos em posições horizontais/verticais, esquerda/direita, centro/margem. O espaço da tela ou da página é usado para modelar a atenção do leitor/visualizador. Como aponta Kress (2010, p. 92), o *layout* dispõe informação ao invés de nomear, como o modo verbal, ou retratar, como o modo imagético (Paiva, 2021, p. 101).

O que se pode dizer, então, é que o *card* reúne elementos presentes no conceito de *layout*, e as informações imagéticas presentes no *layout* dos *cards* também são oriundas de informações verbais do texto de partida.

No próximo capítulo, apresentaremos o conceito de retextualização.

3.2 Retextualização

O conceito de “retextualização” é amplamente conhecido pelos estudos de Marchuschi (2001), mas o termo já havia sido empregado por Neuza Travaglia (1993)⁴ em sua tese de doutorado como um processo que caracteriza o ato de traduzir uma língua para outra, uma vez que, nesse processo de tradução, há a elaboração de um texto com intenção comunicativa, bem como a revisão desse texto produzido, o que constitui, de certa forma, uma atividade de recriação. Para a autora, a tradução é uma atividade de retextualização, na medida em que não se trata de transportar “um sentido fixo de uma língua para outra”, mas, sim, de re-enunciar (Travaglia, 2003, p. 26).

Marchuschi (2001), por sua vez, retoma a conceituação apresentada por Travaglia (1993), que corrobora a ideia de que a retextualização se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra de uma mesma língua, e acrescenta que as expressões “refacção” e “reescrita” poderiam ser igualmente utilizadas. Segundo o autor,

⁴ A tese de Neuza Travaglia é de 1993, mas foi publicada em 2003.

O uso do termo retextualização, tal como foi feito aqui, se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também se trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. Igualmente, poderíamos usar as expressões refacção e reescrita, como o fazem Raquel S. Fiad e Maria Laura Mayrink-Sabison (1991) e Maria Bernardete Abaurre et alii (1995), que observam aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior (uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto) sem envolver as variáveis que incidem no caso da retextualização como tratada neste estudo, preocupado essencialmente com a passagem da fala para a escrita (Marcuschi, 2001, p. 46).

Em seu livro *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, Marcuschi (2001) descreve quatro formas de retextualizar, a saber: fala-escrita, fala-fala, escrita-fala, escrita-escrita. A fim de elucidar os estudos do autor, as possibilidades de retextualização são apresentadas no quadro a seguir.

Quadro 1 – Possibilidade de retextualização

Possibilidade de retextualização			
1. Fala	→	Escrita (entrevista oral	→ entrevista impressa)
2. Fala	→	Fala (conferência	→ tradução simultânea)
3. Escrita	→	Fala (texto escrito	→ exposição oral)
4. Escrita	→	Escrita (texto escrito	→ resumo escrito)

Fonte: Marcuschi, 2001, p. 48.

O movimento de retextualização escrita-escrita apresentado por Marcuschi é o ponto de interseção com esta pesquisa, uma vez que se propõe analisar aspectos envolvidos nos processos de retextualização de um texto-base escrito para um texto-fim escrito.

Matêncio (2002) também se dedicou aos estudos sobre retextualização e, para a autora, a transposição de um texto escrito para outro texto escrito – processo que ela define como retextualização – não se confunde com a atividade de reescrita. Segundo Matêncio (2002), retextualização e reescrita se diferem na materialidade do texto, de forma que, na reescrita, ocorre o refinamento dos aspectos discursivos, textuais e linguísticos que guiam o texto original, o que resulta em uma nova versão. Na retextualização, por sua vez, trabalha-se essencialmente com novos parâmetros

da linguagem, o que resulta na criação de um novo texto. Isso implica não apenas ajustar as representações dos interlocutores e seus papéis sociais, mas também os conhecimentos compartilhados, motivações, contexto de produção/recepção e atribuir um novo propósito à produção linguística (Matêncio, 2002, p. 5).

Sartori (2019, p. 103), em sua publicação *O processo de produção de textos escritos na escola: teorias e práticas*, ao apresentar percurso acerca dos estudos sobre retextualização, afirma que “há discordâncias sobre a equivalência (ou não) de retextualização e reescrita”. A fim de contribuir com a reflexão sobre os processos, a autora traz as definições apresentadas por Benfica (2014):

Retextualização, revisão e reescrita são processos distintos. Enquanto o processo de retextualização implica modificações profundas no texto, em função da alteração dos propósitos comunicativos ou dos gêneros envolvidos na atividade, nos processos de revisão e reescrita trabalha-se o mesmo texto, com o objetivo de aperfeiçoá-lo, ajustá-lo à situação discursiva, mantendo-se, portanto, inalterado o propósito comunicativo (Benfica, 2014, p. 102 *apud* Sartori, 2019, p. 107).

Para esta pesquisa, adotou-se como fundamento o conceito de retextualização proposto por Matêncio (2003), que inclui os movimentos de passagem de um gênero de partida a um gênero de chegada:

Retextualizar, por sua vez, envolve a produção de um novo texto a partir de um ou mais textos-base, o que significa que o sujeito trabalha sobre as estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referência. A atividade de retextualização envolve, dessa perspectiva, tanto relações entre gêneros e textos – o fenômeno da intertextualidade – quanto relações entre discursos – a interdiscursividade (Matêncio, 2003, p. 3-4).

Corroborando essa concepção, D'Andréa e Ribeiro (2010) afirmam que o conceito de retextualização pode ser, sem dificuldades, associado a uma mudança entre modalidades de veiculação e entre gêneros, aqui entendidos como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais típicas e em domínios discursivos específicos” (Dell'Isola, 2007, p. 17 *apud* D'Andréa; Ribeiro, 2010, p. 66). Mais do que intervenções de caráter meramente linguístico, importa, no processo de

retextualização, a adequação de um texto a determinada situação comunicativa, o que pode implicar mudanças inclusive na composição tipológica ou genérica. Essa retextualização se vale da multiplicidade de semioses possíveis no meio digital, o que equivale a dizer que está em jogo a relação do *design* visual com o texto escrito.

A fim de complementar a fundamentação teórica deste trabalho, apresentamos a seguir contribuições dos estudos sobre gêneros textuais e discursivos que orientam as análises realizadas em nossa pesquisa.

4 GÊNEROS TEXTUAIS E DISCURSIVOS: TEORIA E PRÁTICA DE ANÁLISE

É necessário também direcionar a reflexão para alguns pressupostos que compõem o quadro conceitual sobre gêneros do discurso, desde a forma como foi concebido por Aristóteles e Bakhtin, até estudos mais recentes, que caminham para uma perspectiva em que os gêneros são vistos como situações retóricas do convívio social direcionadas a um propósito – gênero como fato social.

Aristóteles (1998) classificou os gêneros oratórios em três categorias, de acordo com a função que o auditório deveria desempenhar em cada situação. Assim, no gênero deliberativo, ou político, o auditório deveria avaliar questões públicas propostas por um orador; no gênero judiciário, o auditório, identificado com a figura do Juiz de Direito, deveria decidir acerca de uma disputa entre dois proponentes e, no gênero epidíctico, caberia ao público, os chamados cidadãos, apenas usufruir dos discursos produzidos em homenagem a uma pessoa ou à grandiosidade de um feito.

Para Bakhtin (2011), os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados produzidos pela língua, nas mais diversas situações da atividade humana. Em uma perspectiva dialógica, o autor toma como parâmetro a noção de que os interlocutores, na comunicação verbal, selecionam as palavras segundo as especificidades do gênero de que participam, e certos tipos de enunciados são gerados por uma determinada função (científica, técnica, oficial, cotidiana) e por determinadas condições de comunicação, próprias de cada campo.

A partir das contribuições bakhtinianas, a pesquisa sobre os gêneros discursivos segue enfoques diferentes na atualidade, conforme o quadro teórico e a metodologia adotados, mas, de maneira geral, pode-se afirmar que as abordagens têm em comum a visão social da linguagem.

Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005) identificam três grandes correntes teórico-metodológicas de estudos contemporâneos sobre os gêneros, rotuladas de abordagens sociorretóricas, sociossemióticas e sociodiscursivas e sociorretóricas, segundo traços teóricos gerais que unem os trabalhos.

As abordagens sociorretóricas, nascidas da tradição dos estudos retóricos, baseiam-se na compreensão de que os gêneros são situações retóricas do convívio social direcionadas a um propósito. São expoentes desse pensamento John Swales

e Charles Bazerman. Enquanto Swales (1990) volta seu olhar para o conceito de “comunidades discursivas”, Bazerman (2005) procura edificar as bases de uma teoria das ações retóricas.

As abordagens sociossemióticas, inspiradas pela já referida Gramática Sistemática Funcional de Halliday, evidenciam a correlação entre texto e contexto, linguagem e vivência humana. Inserem-se, nessa corrente, pesquisadores como Ruqayia Hasan, Jim Martin, Roger Fowler e outros.

As abordagens sociodiscursivas, por fim, cujos representantes são Jean-Michel Adam, Bronckart e Maingueneau, entre outros, abrangem pesquisas realizadas tanto no quadro da Análise do Discurso francesa como no quadro do interacionismo sociodiscursivo e voltam-se para a temática das práticas de ensino-aprendizagem de leitura e produção textual.

É na confluência entre as vertentes sociossemióticas e sociodiscursivas que se situa teoricamente o presente trabalho, por entendermos que as concepções de uma e outra são complementares, não excludentes.

A concepção de gênero defendida por Bakhtin (2011) não é estática como poderia parecer à primeira vista. Dada a sua natureza eminentemente social, os gêneros estão sujeitos a mudanças, oriundas de transformações sociais e de novos procedimentos de organização e acabamento da arquitetura verbal. No mesmo sentido, Rojo (2016) reforça que os gêneros de discurso são “formas de dizer mais ou menos estáveis” e que os textos orais, escritos e multimodais são enunciados e materializados por meio da nossa atuação nas diversas esferas comunicativas.

De volta a Bakhtin (2011), observamos que todo gênero se caracteriza e se diferencia dos demais em virtude de, pelo menos, três dimensões constitutivas: o conteúdo temático (ou os conteúdos que são dizíveis por meio dele), o plano global (ou a forma composicional que o texto assume para atender às demandas de comunicação) e o estilo (ou as configurações discursivas, textuais e linguísticas que apresenta). Nesse sentido, cada esfera discursiva tem seu conjunto/sistema de gêneros, e a tendência é reconhecer os gêneros das esferas das quais se faz parte ou com as quais se tem contato.

Bakhtin (2011) define tema como “conteúdo inferido com base na apreciação de valor”, ou seja, são os efeitos de sentido produzidos por determinado texto ou enunciado. Para ele, o tema – sempre único e “irrepetível” – é o elemento mais

importante, pois é por meio dele que a ideologia circula. O autor também se refere a tema do signo e tema do enunciado/enunciação. O primeiro refere-se aos novos sentidos que as palavras ganham à medida que agregam valor ideológico, e o segundo faz alusão aos elementos situacionais.

Rojo (2016) dialoga com Bakhtin (2003) para caracterizar como os gêneros discursivos se organizam. A autora menciona também os conceitos de tema, forma de composição e estilo – elementos integrantes e indissociáveis – ao mesmo tempo que revisita os conceitos de intercalação e hibridismo ao abordar a flexibilidade dos gêneros.

No que se refere à forma de composição, Rojo (2016) diz que ela está relacionada ao que a teoria textual chama de macroestrutura, ou seja, à progressão temática, à coerência e coesão – organização e acabamento do texto como um todo.

O estilo, por sua vez, remete às escolhas textuais, discursivas e linguísticas (vocabulário, sintaxe, registro) que fazemos para dizer o que queremos dizer e, assim, gerar o sentido desejado. É importante destacar que a forma composicional e o estilo são relevantes para fazer ecoar os seus sentidos ou o seu tema, uma vez que são “marcas linguísticas e textuais” das apreciações valorativas do locutor/autor (Rojo; Barbosa, 2015, p. 94).

Rojo (2016), por fim, ressalta a importância da multimodalidade e da hipermídia nos textos digitais. Para a autora, é preciso levar em consideração as características multissemióticas dos enunciados/textos para a construção dos sentidos (temas), uma vez que os textos e gêneros estão cada vez mais multimodais ou hipermidiáticos.

No quadro 2, apresentamos uma síntese das três dimensões constitutivas de todo e qualquer gênero, empregando a nomenclatura utilizada por Bakhtin (2003) – o conteúdo temático, o plano global (ou forma composicional) e o estilo –, com suas subdivisões:

Quadro 2 – Dimensões do gênero textual e discursivo

DIMENSÕES DO GÊNERO TEXTUAL E DISCURSIVO	
FORMA COMPOSICIONAL (PLANO GLOBAL)	
<p>Corresponde a sua organização geral, a sua estrutura, determinada tanto pelo gênero quanto por outros fatores das condições de produção do discurso.</p> <p>Responde a perguntas como: em quantas partes um texto se divide? Quais são essas partes? Como elas se relacionam entre si?</p> <p>Possibilita a compreensão de como a estrutura contribui para a progressão temática, a coerência e a coesão, bem como para a organização e acabamento do texto como um todo (Rojo, 2015).</p> <p>Abrange elementos da multimodalidade: forma de organização, distribuição do conteúdo verbal e imagético, cor, padrão gráfico, ilustrações.</p>	
CONTEÚDO TEMÁTICO	
<p>Refere-se ao tipo de conteúdo “dizível” por meio de um gênero e abrange efeitos de sentido produzidos por determinado texto ou enunciado. Exemplos: na poesia, predomina a expressão dos sentimentos do sujeito; no artigo de opinião, o conteúdo geralmente consta de acontecimentos de ordem política e econômica, social, cultural, histórica, raramente sobre acontecimentos ou vivências pessoais; na tirinha, o conteúdo esperado é a crítica bem-humorada a coisas do mundo, modos de comportamento, valores, sentimentos (Koch; Elias, 2012).</p>	
ESTILO	
Aspectos textuais e discursivos	Tipos de discurso: narração, descrição, injunção, argumentação, dissertação.
	Ancoragem: modo pelo qual o autor se apresenta ou se coloca no/perante o texto. Exemplo: de forma pessoalizada (utilizando pronomes e flexões verbais de 1ª pessoa, deixando que sua voz se faça ouvir) ou de forma impessoalizada, ocultando a sua voz por meio de fórmulas de impessoalização (“o livro apresenta”, “pode-se pensar que”).
	Gerenciamento das diferentes vozes que precisam se fazer presentes no texto. Exemplo: “de acordo com fulano”, “segundo cicrano”, “no ponto de vista de”.
	Modalização do discurso ou utilização de uma certa maneira de dizer que pode atenuar ou acentuar uma afirmação, ou então expressar/apagar a subjetividade do autor, ou seja, mecanismos ou marcas linguísticas que permitem ao autor construir uma representação de si mesmo para o leitor do texto.
	Organizadores textuais que estruturam o texto, estabelecendo conexões entre suas partes ou mostrando suas divisões, e que podem ser os conectores temporais (“no início”, “em primeiro lugar”) e os conectores lógico-argumentativos (“entretanto”, “logo”, “portanto”, “mesmo porque”).
Aspectos linguísticos do estilo	Escolhas lexicais típicas ou apropriadas para a situação de comunicação e que podem ter valor argumentativo.
	Utilização e manutenção dos tempos verbais adequados para o gênero.
	Escolha do registro formal ou informal.
	Escolha da variedade linguística adequada, o que envolve tomar decisões sobre a necessidade de se aproximar ou poder se afastar das normas urbanas e prestígio no texto.
	Se o gênero a ser produzido for escrito, a utilização das convenções da escrita (pontuação, ortografia, paragrafação, parênteses).

Fonte: Elaborado pela autora.

Contemporaneamente, entende-se que a análise das três dimensões genéricas, dissociadas das condições de produção do gênero, ou seu contexto, são de pouca valia para a compreensão do que é realmente significativo no que se refere à interação por meio da linguagem. Conforme Kress (1993), parte das discussões sobre gêneros ressalta a relação existente entre contexto e texto, como atividades culturalmente pertinentes mediadas pela linguagem. Dessa forma, os elementos do texto resultam de determinada interação social e precisam ser descritos em termos dos elementos do contexto. De maneira semelhante, Motta-Roth (2011) defende que essa descrição se faz necessária, tendo em vista o caráter local das perspectivas metodológicas usadas para estudar práticas sociais específicas, uma vez que cada conjunto de dados relativos a um gênero demanda uma abordagem investigativa elaborada “sob medida”.

Segundo Motta-Roth (2011), é provável que não se consiga descrever uma única metodologia, em razão de se ter de escolher o modo mais interessante para dar conta de cada contexto, assim como os diferentes graus de ritualização da linguagem, as relações entre os participantes do evento social, seus propósitos comunicativos e o modo como a interação se desenvolve na consecução desses propósitos. Logo,

[...] é importante que possamos construir um arcabouço teórico comum que nos possibilite responder a perguntas do tipo: em que medidas precisamos conhecer os contextos de situações e de cultura (Halliday, 1989) que geram e são constituídos pelo texto para podermos perceber e definir que aspectos da linguagem são relevantes para análise de um gênero? Como podemos interpretar a interface entre texto e contexto? Como os procedimentos usados variam na sua ênfase sobre questões do texto ou do contexto? (Motta-Roth, 2011, p. 154).

A autora destaca ainda a necessidade de que os gêneros sejam encarados como atividades culturalmente pertinentes, mediadas pela linguagem em um dado contexto de situação, atravessado por discursos de ordens variadas. Nesse sentido, é preciso explorar o gênero como fenômeno estruturador da cultura que, por sua vez, se constitui como um conceito complexo, que pode sofrer vários recortes. E sobre o processo de investigação propriamente dito, a autora realça questões do tipo:

- Que traços ou elementos da linguagem são relevantes em um dado texto e como determiná-los?
- Como estabelecer a conexão entre o texto e o contexto (enquanto condições de significação e interpretação)? (Motta-Roth, 2011, p. 156).

Partindo das considerações de Motta-Roth (2011), entendemos que uma análise completa de um gênero deve dar conta de suas dimensões características, que são estrutura composicional, estilo e conteúdo temático, mas também precisa alcançar a descrição de suas condições de produção, buscando respostas a questões do tipo: quem são os interlocutores? Em que local e momento histórico é produzido? Quais as finalidades envolvidas em sua produção? A qual instituição está relacionado? Qual valor social lhe é atribuído e que resultados são obtidos por meio de sua circulação?

Nos contextos digitais de circulação, como se observam em nosso *corpus*, as considerações de Motta-Roth ganham ainda maior relevância. É o que poderá ser observado no capítulo seguinte, no qual apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos desta dissertação.

5 METODOLOGIA

5.1 Caracterização da pesquisa e constituição do *corpus*

Esta pesquisa é de caráter qualitativo: o pesquisador toma como ponto de partida uma teoria e, à luz desta, explora os aspectos da investigação (Filho; Gamboa, 2013).

A modalidade é a de um estudo de caso que, segundo Gil (2002, p. 54), “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados”. Nossa finalidade não é a de traçar uma ampla generalização por meio do estudo de um único caso, mas, amparados por Gil (2002, p. 55), “proporcionar uma visão global do problema ou identificar possíveis fatores que o influenciam ou são por ele influenciados”.

Assim, nosso estudo terá como foco a investigação, no processo comunicacional da UFMG, de um caso de retextualização de uma notícia de jornalismo científico para uma série de *cards* destinados a veiculação no perfil da instituição no Instagram.

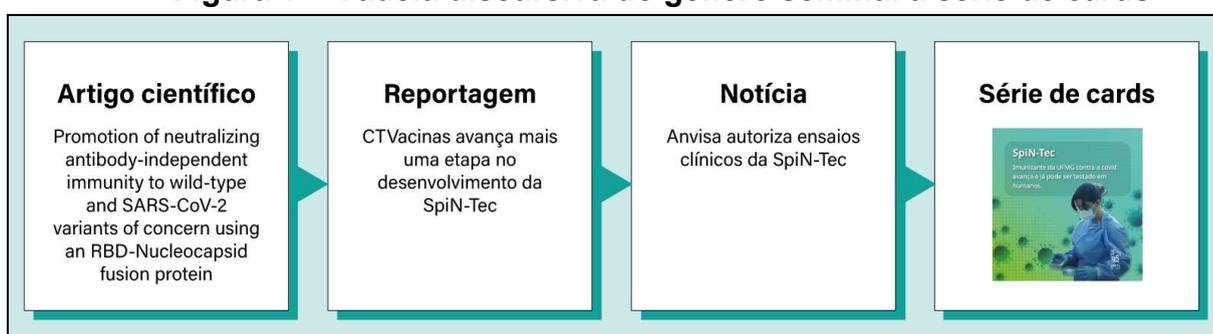
Para essa pesquisa, inicialmente, procedeu-se a um levantamento bibliográfico sobre temas como retextualização, multimodalidade, gêneros textuais e discursivos no âmbito institucional, para, posteriormente, analisar e correlacionar os dados produzidos com as referências teóricas selecionadas.

O *corpus* constituiu-se da seleção de uma notícia intitulada “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”, publicada em 4/10/2022, no Portal UFMG, e de uma série de *cards* produzida em campanha institucional, publicada no perfil oficial da UFMG no Instagram em 5/10/2022, ambas abordando a temática da pandemia de covid-19. O artigo científico [“Promotion of neutralizing antibody-independent immunity to wild-type and Sars-CoV-2 variants of concern using an RBD-Nucleocapsid fusion protein”](https://doi.org/10.1038/s41467-022-32547-y)⁵ publicado na Nature Communications – fruto de trabalho de pesquisadores do CTVacinas, do Instituto de Ciências Biológicas e da

⁵Julia Castro; Patrick Azevedo; Marcilio Fumagalli *et al.* Promotion of neutralizing antibody-independent immunity to wild-type and SARS-CoV-2 variants of concern using an RBD-Nucleocapsid fusion protein. **Nature Communications**, London, v. 13, n. 4831, p. 1-16, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41467-022-32547-y>. Acesso em: 10 abr. 2024.

Faculdade de Farmácia da UFMG, da Fundação Ezequiel Dias (FUNED), da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ/MG) e da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP/Ribeirão Preto) – é o texto seminal, que fomentou a produção da reportagem “CTVacinas avança mais uma etapa no desenvolvimento da SpiN-Tec”. A reportagem, por sua vez, desdobrou-se na notícia “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”, que serviu de texto-fonte para a produção dos *cards*, conforme ilustração a seguir.

Figura 1 – Cadeia discursiva do gênero seminal à série de *cards*



Fonte: Elaborada pela autora.

Estamos conscientes de que a cadeia discursiva que gerou os documentos analisados aqui é composta de, pelo menos, 4 (quatro) textos, que são 1) o artigo científico, que serviu como base para a produção da 2) reportagem que, por sua vez, serviu como fundamento para a produção da 3) notícia que, por fim, fundamentou a produção da 4) série de *cards*.

Para os fins da presente pesquisa, contudo, serão analisados apenas os dois últimos elos desta corrente – notícia e série de *cards* – uma vez que o movimento de retextualização utilizado na transposição da notícia para o *card* se torna mais significativo nessa última passagem. Ademais, o produtor da série de *cards* se baseou apenas na notícia para produzir o texto de chegada, ou seja, o *layout* final. Entendemos, assim, que há uma cadeia dialógica clara entre os 4 (quatro) textos citados, mas o processo de retextualização em si, como resultado de um trabalho consciente e intencional do produtor, ocorre apenas no último movimento, da notícia ao *card*. Por fim, é conveniente esclarecer que o sujeito-produtor da notícia não é o

mesmo sujeito-produtor da série de *cards*, ou seja, trata-se de pessoas e de instâncias diferentes no caso analisado⁶.

A escolha dessa série de *cards* se deu em razão dos elementos que eles oferecem para explorar o tema neste trabalho, uma vez que apresentam vários recursos semióticos que podem ser analisados sob o viés da multimodalidade, a exemplo dos significados sugeridos pelas cores, pelo estilo tipográfico, pelos participantes representados, pela moldura, pela saliência, entre outros. Outro fator que contribuiu para a escolha foi a possibilidade de, no caso, recuperar o histórico de textos que alimentam a produção dos *cards*, de modo a tomá-los como resultado do processo de retextualização.

A seguir, apresentam-se a íntegra da notícia (figura 2) e a série de sete *cards* (figura 3) no formato em que é acessada na rede social Instagram.

Figura 2 – Notícia sobre imunizante contra a covid-19

Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec

Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) acaba de autorizar os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec, vacina contra a covid-19 que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG. Os testes, que devem ter início no mês que vem, ocorrerão na Faculdade de Medicina e no Hospital Felício Rocho.

Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Ricardo Gazzinelli, que é pesquisador do CTVacinas e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. “Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional”, diz.

O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança do imunizante. “É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para os testes da fase 2”, diz Gazzinelli. Nessa primeira etapa, a vacina será aplicada em 80 voluntários, divididos em dois grupos: um de pacientes com menos de 59 anos e outro de pacientes entre 59 e 85 anos de idade.

A segunda fase, que conta com mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também avalia a resposta imunológica à vacina. “A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem, e a 2, em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Concluídas as duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de voluntários serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida”, explica Gazzinelli.

⁶ Nas produções do CEDECOM, a escrita é colaborativa/coletiva e, por isso, geralmente, não há menção ao nome do autor nos conteúdos publicados no Portal UFMG e nas redes sociais.

Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Helton da Costa Santiago e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto, na Faculdade de Medicina da UFMG, e pelo infectologista Adelino Melo, no Hospital Felício Rocho.

Parcerias

Os trabalhos da SpiN-Tec envolvem equipe de mais de 20 pesquisadores ligados ao CTVacinas da UFMG, entre eles os professores Ricardo Gazzinelli, Santuza Teixeira, Flávio da Fonseca e Helton Santiago, e os pesquisadores Graziella Rivelli, Ana Paula Fernandes, Natalia Salazar, Flávia Bagno, Natalia Homo-Souza e Júlia Castro.

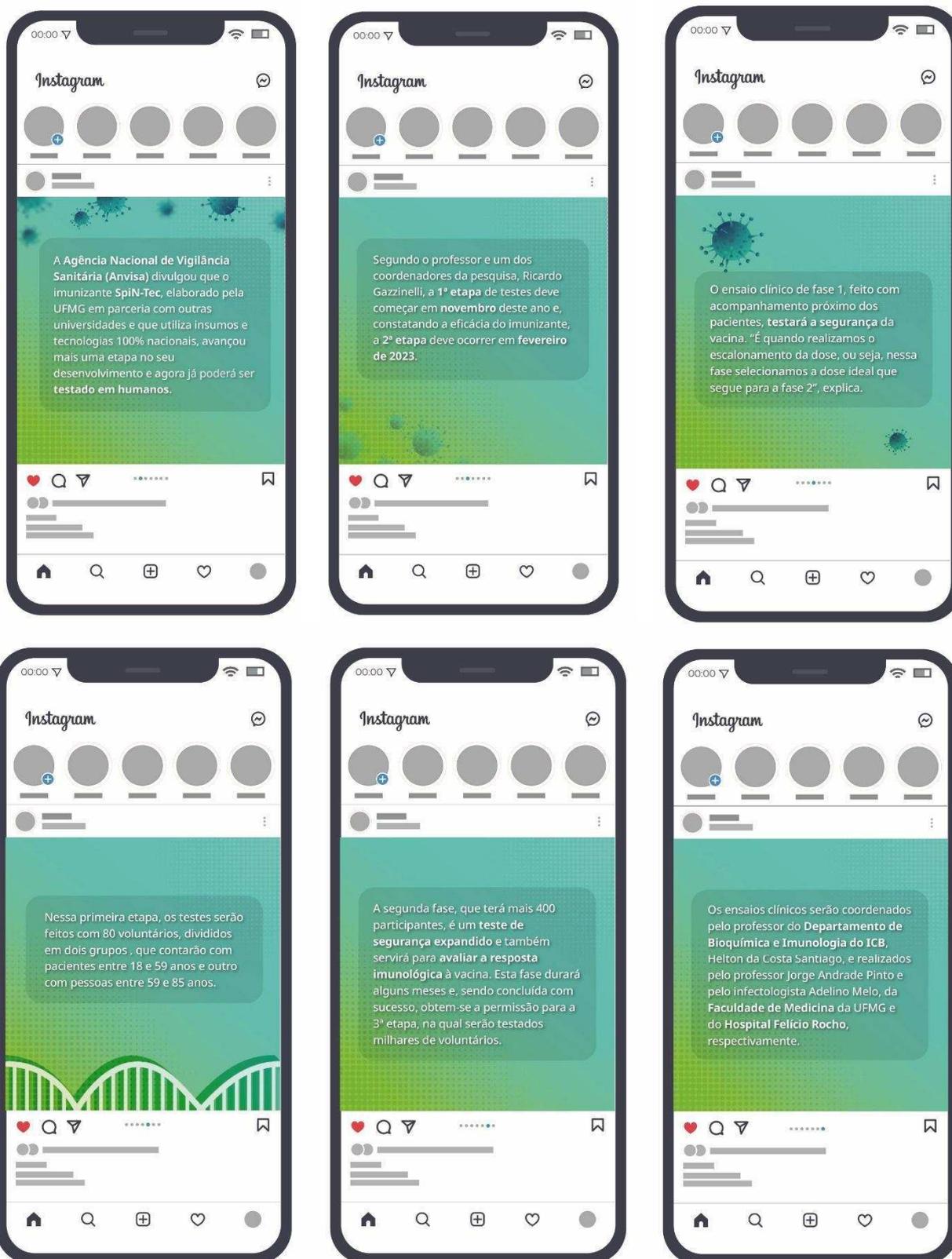
Os ensaios clínicos serão financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), pela Prefeitura de Belo Horizonte, pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e pelo Congresso Nacional. Parte dos ensaios analíticos, testes de pureza do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e do produto final, estudos pré-clínicos de segurança e envase do produto em condições de boas práticas laboratoriais foram feitos em parceria com a Fundação Ezequiel Dias (Funed), com o Laboratório Nacional de Biociências (LNBIO), com o Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e com o Laboratório Cristália.

Luana Macieira

Fonte: Portal UFMG, 2022

Figura 3 – Cards da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022





Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram.

5.2 Procedimentos de análise

O procedimento de análise consiste em

1º) Fazer uma análise do gênero de partida – notícia – por meio da identificação das dimensões genéricas elencadas por Bakhtin (2011), que são: forma composicional, conteúdo temático e estilo. Além das dimensões bakhtinianas, as análises contemplam também a reflexão sobre as condições de produção do gênero “notícia de jornalismo científico”, o que envolve a compreensão de perguntas relacionadas à instituição de onde se origina; à constituição de seus interlocutores; ao local e momento em que é produzido; às finalidades almejadas com sua produção; ao valor social que lhe é atribuído e ao seu meio de circulação.

2º) Analisar a série de *cards* selecionada, adotando-se as categorias da GDV como critério complementar às dimensões genéricas. Esse procedimento foi adotado porque, no tocante à categorização do *card*, não há consenso entre pesquisadores sobre sua natureza, e, embora ele apresente dimensões genéricas por se tratar de um *post* de rede social, entendemos que sua especificidade é de um *layout*. Assim, acreditamos que a observação das condições genéricas pode ser articulada à observação das categorias da GVD, pois a exclusão de uma ou outra poderia empobrecer os resultados obtidos.

Após uma breve descrição de suas dimensões genéricas, elementos do contexto de produção, circulação e funcionalidades, passa-se a analisar a série de *cards* em seu aspecto intertextual, tendo em vista o processo de retextualização e, em nível interno, levando-se em conta aspectos da multimodalidade. A multimodalidade é aqui abordada com foco nas categorias pertencentes aos significados representacionais e composicionais da Gramática do Design Visual – valor informacional, saliência e moldura. Significados sugeridos pelo estilo tipográfico e pelas cores também são observados, a fim de constituir a análise dos significados ideacionais, interpessoais e textuais.

3ª) Por fim, contrastando-se os resultados obtidos com a execução do primeiro e do segundo passo, são feitos alguns comentários sobre as transformações que ocorreram quando da transposição do gênero de partida para o texto de chegada, a fim de compreendermos a dinâmica de retextualização.

6 ANÁLISE DO CORPUS

Seguindo os procedimentos explicitados no capítulo anterior, passamos agora à análise do *corpus*, iniciando pela análise do gênero de partida; caminhando, na sequência, para a análise da série de *cards*, a fim de, ao final do capítulo, apresentar considerações sobre o processo de retextualização.

6.1 Análise do gênero de partida (Notícia: Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec)

Analisamos aqui a notícia de jornalismo científico intitulada “[Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec](#)”, publicada no Portal da UFMG em 4/10/2022, seção Comunicação, subseção Notícias, tópico Pesquisa e Inovação. Trata-se do terceiro elo na corrente de textos produzidos a contar do artigo científico.

Iniciamos as análises com considerações sobre as condições de produção do gênero “notícia de jornalismo científico”, o que envolve a compreensão de perguntas relacionadas à instituição de onde se origina; à constituição de seus interlocutores; ao local e momento em que é produzido; às finalidades almejadas com sua produção; ao valor social que lhe é atribuído e ao seu meio de circulação.

Na mesma direção, Motta-Roth (2011) defende que, para uma análise de gêneros, deve-se levar em consideração as condições sócio-históricas (tempo e espaço) e o conjunto de agentes inseridos em sua elaboração e circulação. Significa dizer que, no momento da interação, oral ou escrita, recorre-se a um gênero que, apesar de ser inerente a cada situação discursiva, revela a necessidade dos participantes envolvidos nessa situação, a vontade do enunciador, a intenção do falante.

Segundo Lage (2001), matérias que divulgam ciência e tecnologia cumprem algumas funções básicas, de natureza informativa, educativa, social, cultural, econômica, político-ideológica. Nas palavras do autor, “a pouca divulgação da atividade científica brasileira, por exemplo, articula-se com uma representação de atraso que nem sempre corresponde à realidade do país, mas serve a objetivos políticos e institucionais claros” (Lage, 2001, p. 54).

A comunicação institucional, conforme já se afirmou, adquire relevo nesse contexto porque aproxima os membros da comunidade acadêmica em prol de objetivos comuns, ao mesmo tempo que dá à sociedade uma contrapartida informacional acerca das pesquisas desenvolvidas. Acreditamos, então, que aí reside a finalidade do jornalismo científico, considerado como um dos principais responsáveis por fazer o conhecimento ultrapassar os muros da comunidade que produz ciência. Do exposto, podemos inferir também quem são os interlocutores dessa situação comunicativa, ou seja: de um lado, temos o jornalista produtor da notícia/órgão de comunicação da universidade, que enuncia não em nome de si mesmo, mas como mediador da relação entre determinados perfis de público da comunidade acadêmica – composta de professores-pesquisadores – e, de outro lado, o público em geral – composto de integrantes dos demais setores da instituição (discentes, técnicos, colaboradores), além de supostos leitores externos a essa realidade.

Barbosa (2018), refletindo sobre o processo de divulgação científica feito pelos órgãos de comunicação de uma universidade, explana que todo o movimento de produção e circulação se dá pela transposição de um gênero textual-fonte em um outro gênero que nasce com o objetivo de divulgar o conteúdo científico abordado, de forma a facilitar o acesso da população à informação. Surgem, assim, matérias jornalísticas como a que ora se analisa, que é um desdobramento mais distante de um artigo científico. Com esse movimento, desloca-se a publicação de um veículo altamente especializado, como as revistas científicas, para uma mídia digital mais popular e diversificada na abordagem de temáticas e conteúdos, a exemplo do portal de uma universidade.

Ainda sobre as condições de produção, lembramos que a publicação remonta a um momento histórico de grande apreensão e sofrimento para a humanidade, que foi o período da pandemia, mesmo que já tivesse sido superada a fase mais aguda de contaminação e morte pela covid-19.

Seguindo os procedimentos de análise delineados, passamos à reflexão sobre as dimensões genéricas elencadas por Bakhtin, quais sejam: conteúdo temático, estrutura composicional e estilo.

O conteúdo temático contempla efeitos de sentido produzidos por determinado texto ou enunciado. Para cada temática que se deseja abordar, a

depender da esfera de atividade humana, há um gênero mais ou menos adequado para esse fim. Dessa forma, entendemos que o conteúdo temático são as ideias possíveis de ser veiculadas por meio de um determinado gênero.

Na notícia analisada, a temática se relaciona à autorização dos testes clínicos da vacina SpiN-Tec, com ênfase nos locais onde serão realizados, nos objetivos das diferentes fases dos ensaios e nas expectativas em relação ao avanço do desenvolvimento do imunizante. O assunto da notícia alinha-se, portanto, aos interesses e às expectativas dos interlocutores quanto à aplicação dos conhecimentos científicos produzidos na universidade para o enfrentamento de uma situação real. Ao mesmo tempo, dar publicidade aos resultados da pesquisa é uma forma de apresentar uma contrapartida da comunidade acadêmica aos aportes financeiros que recebe do Estado, para justificar o investimento na universidade.

A forma composicional, por sua vez, corresponde à organização geral, à formatação, determinada tanto pelo gênero quanto por outros fatores das condições de produção do discurso. A composição de um gênero é resultado de um longo processo de interação social por meio da linguagem. Sendo assim, não é escolhida aleatoriamente a cada vez que se quer produzir um texto dessa natureza. No caso em análise, o texto segue o padrão global típico de uma notícia jornalística, iniciando-se com a apresentação da informação principal, seguida da contextualização dos fatos e dos detalhes sobre os próximos passos do desenvolvimento do imunizante e informações sobre autoria. A organização sequencial cronológica das informações contribui para a compreensão e a interpretação dos dados pelo leitor e o torna mais propenso a concluir a leitura convencido da segurança e da eficácia dos experimentos, bem como da necessidade de se investir em pesquisas para a produção de uma vacina em território nacional.

Observa-se a presença de uma manchete, com tipografia e cor diferenciada, que busca atrair o olhar do leitor por meio do recurso de negrito: “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”. Há também um subtítulo: “Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho”, que desempenha a função de trazer ao interlocutor um nível de informação um pouco mais específica sobre o fato noticiado. Na sequência, data e horário.

Logo abaixo, tem-se a imagem de uma pesquisadora manipulando materiais na bancada de um laboratório de Química, do CTVacinas da UFMG:

Figura 4 – Pesquisadora trabalhando no laboratório de Química



Fonte: Portal UFMG, 2022

A cena fotografada realça a limpeza e a organização dos materiais, a postura séria e compenetrada da pesquisadora, o aparato tecnológico disponível para os pesquisadores. Essa imagem estrategicamente disposta contribui para a finalidade de informar, mas também de convencer e persuadir o leitor sobre a segurança e eficácia da vacina. Interessante observar, por fim, que o texto se divide em duas partes: na primeira e mais extensa, predominam as informações sobre o fato noticiado; na segunda, intitulada “Parcerias”, constam nomes e dados de pessoas e instituições envolvidas no desenvolvimento e no financiamento da vacina.

Encaminhando a reflexão para o estilo do gênero, observamos, com base em Bakhtin (2011), a seleção de recursos expressivos da língua por parte do locutor, dentre todos os recursos disponíveis, por considerá-los os mais adequados às condições de produção do discurso, à finalidade da interlocução e ao suporte do gênero.

Nessa perspectiva, a análise do estilo contempla seus elementos linguísticos e discursivo-textuais.

No que diz respeito aos elementos linguísticos, a modalidade adotada denota uma escolha pelo registro formal da língua, porém, em um tom menos pomposo, mais cotidiano, com preferência por construções pouco truncadas, para que o texto se torne acessível a leitores diversos que extrapolam o grupo restrito de acadêmicos. A clareza e a concisão são também características marcantes do texto em análise, uma vez que é preciso veicular informações complexas de forma compreensível e sucinta, sem, contudo, comprometer a precisão e a veracidade dos dados apresentados.

Os elementos discursivo-textuais abrangem aspectos como o tipo de discurso (narração, descrição, injunção, argumentação, dissertação); a ancoragem (modo pelo qual o autor se apresenta ou se coloca no/perante o texto); o gerenciamento das diferentes vozes presentes no texto; a modalização do discurso ou a utilização de certa maneira de dizer que pode atenuar ou acentuar uma afirmação, ou então expressar/apagar a subjetividade do autor (Koch; Elias, 2012).

Quanto ao tipo de discurso, seguindo o mesmo padrão do gênero notícia, no texto analisado, predominam as sequências narrativas, acompanhadas de sequências dissertativas, garantindo-se, assim, o caráter de atualidade e de credibilidade à matéria. É o que se verifica logo no primeiro parágrafo: “A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) **acaba de autorizar** os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec [...]. (grifos nossos)

A sequência narrativa iniciada por “Acaba de autorizar” está no presente do indicativo, para se referir a uma ação que acabou de acontecer no momento presente, o que faz a notícia parecer inédita e atual.

As sequências dissertativas, por sua vez, inserem um alto grau de informatividade e credibilidade ao texto, pois baseiam-se em resultados e pesquisas e em citação de fontes confiáveis, como em: “A segunda fase, que conta com mais 400 pacientes, é um teste de segurança expandido, ou seja, avalia a resposta imunológica à vacina.”

A credibilidade da notícia é reforçada pela ancoragem impessoal assumida por sua autora, ao utilizar pronomes e flexões verbais de 3ª pessoa, ocultando a sua voz, optando pela aparência de impessoalidade.

Em seu trabalho de gerenciamento das vozes, sobressai justamente o apagamento de si realizado pela autora, para dar ênfase às vozes das autoridades

envolvidas no fato noticiado. Sobre o trabalho de gerenciamento das vozes, Motta-Roth e Marcuzzo (2010, p. 517) explicam que:

Semelhantemente à polifonia proposta por Bakhtin (2008), é possível reconhecer a capacidade da linguagem de evocar diferentes pontos de vista ou vozes que emanam de diferentes identidades ou instituições sociais, que polemizam entre si, se complementam ou respondem umas às outras nos textos do corpus.

Ainda de acordo com Motta-Roth e Marcuzzo (2010, p. 518), em textos do campo do jornalismo científico, “há uma multiplicidade de vozes [...] que promovem o debate e possibilitam a explicação de novos conceitos e a avaliação do significado de novas pesquisas para a sociedade”.

No texto analisado, as vozes de professores/cientistas renomados, detentores de posição institucional de prestígio na sociedade, garantem a informatividade e a progressão textual da notícia em questão, uma vez que a maior parte das informações são veiculadas por meio de citações diretas de falas de professores da própria instituição. Toda a primeira parte do texto é construída com a utilização dessa estratégia discursiva.

No primeiro parágrafo, antes mesmo de citar a fala da autoridade, a locutora apresenta todas as suas credenciais – “professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB e pesquisador do CTVacinas e da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)” –, que lhe garantem imediatamente o estatuto de pessoa confiável e detentora de conhecimento sobre a causa. Quem diz algo nesse parágrafo é o professor pesquisador, por meio de citação indireta, seguida da citação direta de suas palavras, não a autora da matéria jornalística. Trata-se de uma estratégia de impessoalização, apoiada em um tipo de argumento de autoridade:

Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB e pesquisador do CTVacinas e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), Ricardo Gazinelli, a autorização permite que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. “Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional”, diz.

No segundo parágrafo, é utilizada a mesma estratégia de impessoalização que se vale de um argumento de autoridade:

O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1 testará a segurança do imunizante e é feito com acompanhamento próximo dos pacientes. “É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, essa fase serve para selecionarmos a dose ideal que irá para a fase 2”, diz.

Nos parágrafos em que a citação direta da fala da autoridade não é a responsável por veicular a informação nova, ela é utilizada para corroborar a sequência expositiva produzida pela autora:

A segunda fase, que conta com mais 400 pacientes, é um teste de segurança expandido, ou seja, avalia a resposta imunológica à vacina. “A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem e a 2 em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Depois dessas duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de pacientes serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida”, explica Gazinelli.

As condições de produção da notícia analisada, articuladas à compreensão das dimensões genéricas, justificam a razão pela qual o autor trouxe argumentos de autoridade juntamente com sequências narrativas e expositivas características do gênero notícia: em 2022, ainda vivenciávamos o medo gerado pela pandemia e a desconfiança por parte de setores conservadores da sociedade em relação à vacina. Dessa forma, era necessário trazer informatividade e, ao mesmo tempo, reforçar a credibilidade da universidade como centro produtor de conhecimento e de inovação tecnológica. Nessa perspectiva, a reprodução da voz dos pesquisadores da UFMG é uma estratégia importante para a finalidade do propósito comunicativo.

6.2 Análise da série de *cards*

Analisamos, nesta seção, a série de *cards* produzida em campanha institucional da UFMG sobre imunizante contra a covid-19, publicada no perfil da universidade no Instagram em 5/10/2022. Esses *cards*, como vimos, são produto da retextualização da notícia “Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec”, publicada no Portal da UFMG em 4/10/2022. Os *cards* foram identificados individualmente pelas letras de A a G. Antes da análise propriamente dita, iniciaremos com

considerações sobre os elementos do contexto de produção, circulação e as funcionalidades do *card*. Como os *cards* seguem a mesma identidade visual, tendo uma unidade nas cores e na tipografia, faremos uma análise global desses elementos e, para a análise das metafunções, agruparemos os *cards* de acordo com os recursos semióticos mobilizados em comum.

Ribeiro (2020) descreve o *card* como peça de formato quadrado, geralmente de 1080 x 1080 pixels, consagrado nos ambientes digitais, e produzido na medida das demandas dos dispositivos e suas telas. A autora afirma que são textos datados, lidos por muitas pessoas, mas de “vida curta”, já que estão atrelados ao contexto imediato em que são produzidos, como forma de reação a um acontecimento histórico e concreto. Como nos lembra a autora, “logo, esses *cards* darão lugar a outros, sobre outros temas, na velocidade dos acontecimentos na *web*. Não serão propriamente rasgados e jogados no lixo, mas serão esquecidos na ‘nuvem’, ofuscados por algum outro debate importante que emerja.” (Ribeiro, 2020, p. 37).

Da mesma forma que procedemos em relação à notícia, seguindo os procedimentos de análise delineados, passamos à reflexão sobre as dimensões genéricas elencadas por Bakhtin (2011).

Nos *cards* estudados, a temática é constituída pela divulgação de informações atuais da universidade que podem ser de interesse da comunidade em geral, motivo pelo qual há um esforço para que o estilo, ainda que formal, seja marcado por uma linguagem mais simples, sem terminologias que dificultem seu entendimento pelo público leigo.

Em relação à forma composicional, percebe-se a relação de complementariedade entre as linguagens verbal e não verbal. São sete *cards*, que se distribuem em blocos de textos (boxes) que fazem alusão aos parágrafos do texto que deu origem a eles. A sequência textual ocorre linearmente entre os *cards*, compondo seu plano global, de modo a contribuir para a coesão, a coerência e a progressão temática. Os *cards* foram produzidos em formato quadrado, com tamanho original de 1080 x 1080 pixels, na proporção 1:1, ideal para o formato de *feed* de Instagram para que a imagem do *card* em destaque apareça inteira, sem cortes ou distorções. Trata-se de um formato responsivo que funciona em vários suportes sem perder suas características.

Quanto ao estilo, tendo em vista que se trata de um texto de divulgação científica, a linguagem verbal está centrada na impessoalização com predomínio da tipologia textual dissertativa. A escolha do registro é formal, e há algumas vozes (ANVISA, Ricardo Gazzinelli) que se fazem presentes no texto, o que caracteriza argumento de autoridade e intertextualidade própria desse tipo de *card*.

Analisados os elementos do contexto de produção, circulação e as funcionalidades do *card*, bem como suas dimensões genéricas, passamos para as análises dos aspectos da multimodalidade. Para nosso estudo, observamos algumas categorias da Gramática do Design Visual (GVD) a fim de mapear os significados potenciais dos recursos semióticos disponíveis. Cabe ressaltar que a análise se limita aos significados representacionais e composicionais e que selecionamos as categorias que nos parecem mais férteis.

Antes de procedermos à análise dos aspectos multimodais de cada *card*, pensamos ser produtivo trazer uma análise mais geral da série a fim de orientar a leitura para os desdobramentos das análises com base na GDV.

Como já dissemos, os *cards* seguem a mesma identidade visual, tendo uma unidade nas cores, na tipografia e nos grafismos. As cores escolhidas para compor a paleta da unidade variam entre o azul e o verde, sendo utilizado um degradê de azul-esverdeado até o verde cítrico para o fundo. Essas cores se relacionam conceitualmente com assuntos da área de saúde, sendo o azul esverdeado mais relacionado com a ideia do cuidado e da pesquisa (vacina) e o verde cítrico, a representação do vírus. Além da cor, a representação gráfica convencional do vírus da covid-19 – imagem criada na pandemia para representar o coronavírus e que possibilita ao leitor a identificação imediata do assunto – também está saliente nas ilustrações. Foi utilizada a cor branca na fonte para trazer leveza para a composição e dar destaque para a informação. A mesma tipografia – uma fonte sem serifa – foi utilizada em todos os *cards*, e os destaques foram feitos somente na diferenciação de pesos (regular para texto normal e *bold* para os destaques). O texto foi formatado alinhado à esquerda, o que favorece a leitura.

Por fim, para melhorar o contraste e a legibilidade, foi aplicado um leve efeito de sombreamento atrás das letras, como recurso para lhes dar mais destaque. Além disso, foi utilizado um boxe com transparência para delimitar a área do texto e também ajudar a realçar e melhorar o contraste com o fundo. Foi utilizado no fundo

um grafismo de *halftone* – padrão de pontos com variação de tamanho e densidade, organizados em linhas circulares –, por se relacionar com o formato redondo do vírus.

Passamos agora à análise individualizada, esclarecendo que os *cards* foram organizados em grupos conforme regularidades identificadas: I) *Card A* (figura 5); II) *Card B* (figura 6), *Card C* (figura 7) e *Card D* (figura 8); III) *Card E* (figura 9); e IV) *Card F* (figura 10) e *Card G* (figura 11).

6.2.1 Análise do *card A*

Figura 5 – *Card A* da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Na peça em tela, a paisagem é constituída de modos e recursos semióticos motivados pela finalidade do ato comunicacional, e os elementos foram orquestrados no espaço semiótico a fim de compor o *layout* da plataforma de divulgação (Instagram). Conforme afirma Kress (2010, p. 92), citado por Paiva (2021, p. 101), “o *layout* dispõe informação ao invés de nomear, como o modo verbal, ou retratar, como o modo imagético”. Nesse sentido, a orquestração das informações torna-se imperativa para que se produzam efeitos de sentido.

O *card* em análise é chamado de “capa”, por ser o primeiro do carrossel. Ele traz um boxe que demarca o texto verbal, a figura de uma pesquisadora/cientista, com vestimenta azul, máscara e luvas, e a representação gráfica convencional do vírus da covid-19 – imagem criada na pandemia para representar o coronavírus e que possibilita ao leitor a identificação imediata do assunto. Além disso, foi aplicada a marca da UFMG (95 anos).

Apresentada a descrição da imagem, passamos para a análise com base em algumas categorias da GDV. A metafunção representacional é utilizada para descrever os participantes, assim como suas ações ou conceitos a eles associados. Kress e Van Leeuwen (2006) categorizam esses participantes em interativos e representados. Os participantes do ato comunicativo, ou seja, as pessoas reais constituem os interativos, ao passo que os representados são constituídos como o assunto da mensagem (referente) e podem ser pessoas, lugares e coisas. Em vista disso, podemos identificar a pesquisadora como participante representada, que está disposta em saliência na configuração do *card*, e a representação gráfica do vírus, que forma o *background* da imagem.

Ainda em relação aos significados representacionais, a imagem em questão apresenta uma estrutura narrativa que descreve o participante envolvido em uma ação e revela o grau de ação ou poder desse participante. A individualização do participante representado nos possibilita sua identificação e especificação, assim como sua humanização. Sendo assim, é possível identificar uma pesquisadora/cientista, com máscara, luvas e jaleco azul, portando dois recipientes nos quais seu olhar está focado. Os vetores que representam essa ação podem ser observados pelo movimento de braços/mãos da participante representada, que comprovam que a pesquisadora está analisando algum tipo de material. Nesse caso, com base na nomenclatura da GDV, temos como “ator” a pesquisadora e, como “meta”, o objeto da pesquisa. Esse processo narrativo é chamado de “transacional”, pois ator e meta estão visíveis no enquadramento.

No tocante aos significados composicionais, é importante observar a demarcação dos espaços “ideal” (topo da página) e “real” (base da página), uma vez que o valor informacional está relacionado às significações atribuídas a esses elementos em razão de sua localização na página. Nesse sentido, o boxe com o título da notícia foi arranjado no espaço “ideal”, e as imagens foram dispostas no

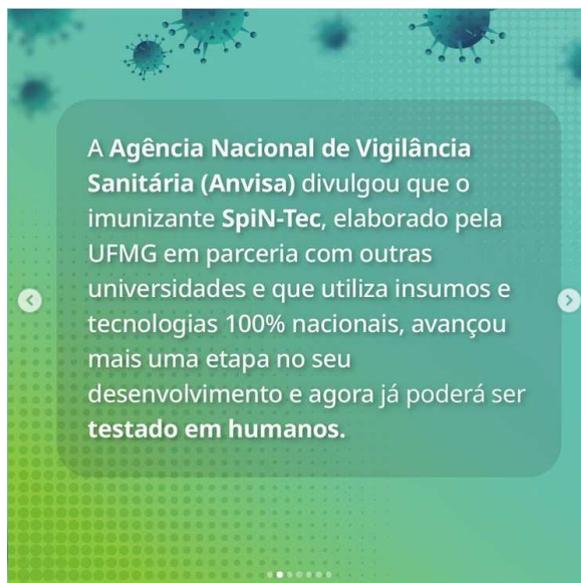
espaço “real”, o que significa dizer que ao texto verbal foi dado o espaço de prestígio e, às imagens, o espaço mais informativo da página, conforme os pressupostos da GDV. Cabe ressaltar que as imagens dos vírus e da pesquisadora não reforçam o texto verbal, uma vez que a mera ilustração dos vírus e da pesquisadora não sugerem o fluxo da pesquisa. Por outro lado, essas imagens concretizam a abstração científica, pois possibilitam ao leitor identificar o assunto da pesquisa e reconhecer a importância do pesquisador. A configuração de ângulos do ator (cientista), de perfil e sem olhar diretamente para o leitor, é a configuração dos textos objetivos, como os de divulgação científica.

Sabemos que a trajetória de leitura é guiada pelo grau de saliência dos elementos, uma vez que diferentes recursos de saliência podem criar uma hierarquia de importância. Dessa forma, o título saliente chama a atenção do leitor para o texto verbal, mas observamos também que a pesquisadora aparece em destaque, configurando maior grau de importância entre os elementos representados na composição visual. A representação gráfica convencional do vírus da covid-19 também está saliente e reforça a ideia de que os vírus estão ocupando todos os espaços, efeito que é percebido pela sobreposição dos elementos. A imagem também apresenta alguns pontinhos em sua base, que indicam a ordem dos *cards* e a sua posição atual no carrossel, além de um elemento gráfico similar à seta, arranjado na parte central à direita da página, que indica a direção da transição do *card*.

Por fim, em relação à moldura – terceiro aspecto da metafunção composicional –, cabe observar que o texto verbal está emoldurado. Sabemos que a moldura pode indicar pertencimento a um conjunto maior ou sugerir oposição dos elementos. Sabe-se, também, que são pertencentes a entidades distintas. Nesse caso, observamos que a moldura foi utilizada para demarcar o pertencimento a entidades distintas, cujo efeito de sentido é destacar o bloco de informação. É possível que o recurso tenha sido utilizado para atribuir saliência ao bloco de texto verbal. Ademais, a participante representada (cientista) parece invadir esse bloco de texto, o que sugere conexão.

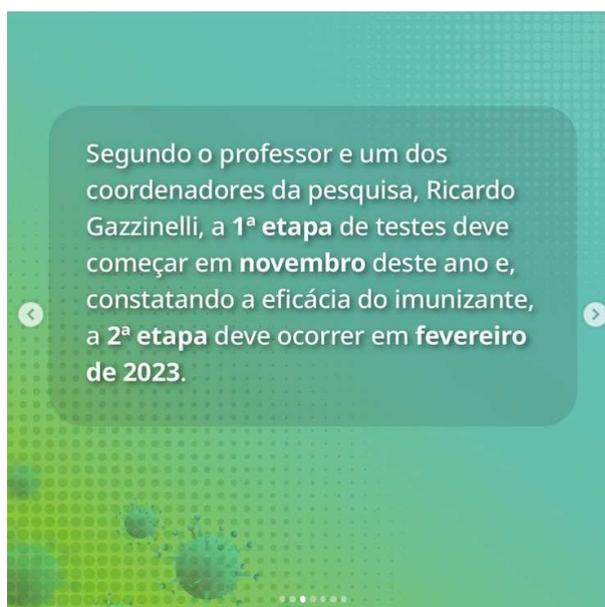
6.2.2 Análise dos cards B, C e D

Figura 6 – Card B da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



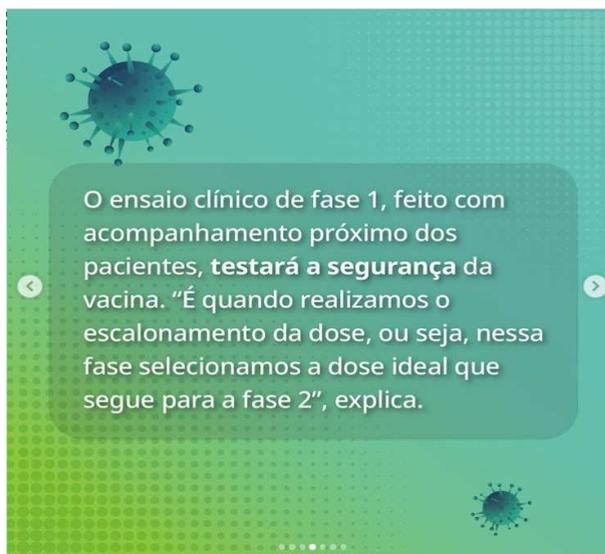
Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Figura 7 – Card C da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Figura 8 – Card D da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Os *cards* B, C e D têm uma mesma configuração, uma vez que foram orquestrados com os mesmos modos e recursos semióticos. Utilizaram-se boxes com tom de cor diferente para destacar o texto verbal, o que promove a saliência e a moldura simultaneamente. É possível observar também, no texto verbal, que foram empregados recursos de saliência, a exemplo do negrito. Quanto ao texto imagético, a representação gráfica convencional do vírus da covid-19 novamente foi arranjada de modo a denotar a proliferação dos vírus. Assim como no *card A*, estão presentes os elementos que representam a sequência e a posição dos *cards* no carrossel e as setas de transição para avançar ou retroceder.

Apresentados alguns recursos empregados na configuração dos *cards*, passamos para a análise da paisagem comunicacional com base em algumas categorias da GDV.

No que diz respeito aos significados representacionais, temos a imagem do vírus constituindo o assunto da mensagem, o referente. Observamos uma representação conceitual, na qual o foco está no significado ou na identidade do participante representado. Nesse caso, esse participante representado (vírus da covid-19) é chamado de “portador”, pois ele constitui o próprio significado, o que configura um processo conceitual simbólico, em razão dos atributos simbólicos que o cercam. Sendo assim, a imagem criada na pandemia para representar o

coronavírus possibilita ao leitor a identificação imediata do assunto, até mesmo em outras culturas.

Os significados composicionais, por sua vez, foram observados com base em três aspectos que são inter-relacionados: valor informacional, saliência e moldura. Além disso, observamos a tipografia e a cor, elementos que também atribuem coesão e coerência ao conjunto, tendo em vista a repetição dos recursos semióticos orquestrados e a “rima visual”.

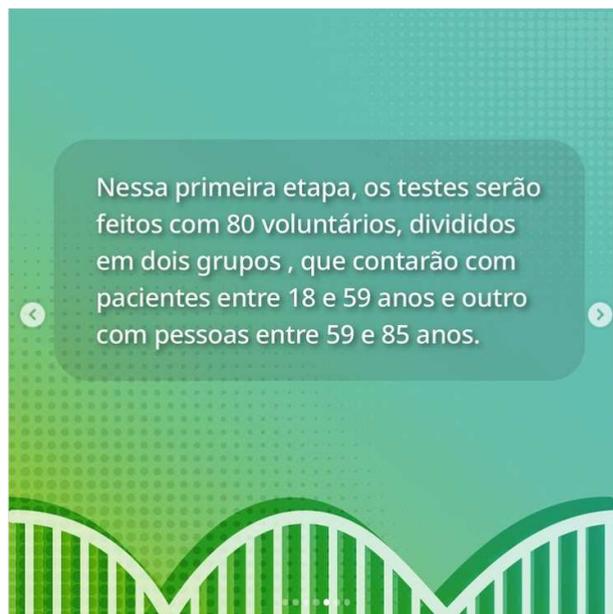
Como já dissemos, o valor informacional está relacionado com as significações atribuídas aos elementos em razão de sua localização, o que pode estabelecer relação de polarização ou de centralização. Nos *cards* em tela, vale destacar a posição central do boxe que demarca o texto verbal, o que configura ênfase ao núcleo da informação. Podemos perceber que o caminho de leitura é restrito, tendo em vista os aspectos de modularidade e linearidade empregados.

No tocante à saliência, o recurso de negrito foi aplicado ao órgão regulador ANVISA (*card* B), ao nome do imunizante (*card* B) e a algumas palavras que reproduzem fielmente a temática da notícia (*cards* B e D), além das datas e demarcação das etapas (*card* C). Essas escolhas podem configurar o tom de impessoalidade escolhido pelo produtor do texto, com base num argumento de autoridade, e chamar a atenção do leitor para informações de relevância. A imagem do vírus também aparece em saliência, o que complementa os significados presentes no texto verbal. Foi utilizado também, no fundo, um grafismo de *halftone* (padrão de pontos com variação de tamanho e densidade, organizados em linhas circulares), por se relacionar com o formato redondo do vírus.

Por fim, o texto verbal aparece dentro de uma margem específica, com uma cor de fundo diferenciada, o que chamamos de boxe. Esse recurso foi utilizado para demarcar os “blocos” de informação e pode ser visto como saliência ou moldura.

6.2.3 Análise do *card* E

Figura 9 – *Card* E da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

O *card* E dispõe de um texto verbal emoldurado e de uma imagem que parece uma fita de DNA. Como nos anteriores, ele também apresenta alguns pontinhos em sua base, que indicam a posição do *card* no carrossel, e um elemento gráfico similar à seta, arranjado na parte central à esquerda e à direita da página, indicando possíveis movimentos do leitor.

Tendo em vista os significados representacionais, observamos que esse *card* não segue a estrutura conceitual dos anteriores, uma vez que a utilização da imagem que faz alusão ao DNA não reforça as informações do texto verbal e parece ter sido aplicada como mera ilustração.

Os significados composicionais, por sua vez, configuram diferentes graus de coerência, coesão e importância entre os elementos representados numa composição visual.

Conforme argumentam Kress e Van Leeuwen (2006), a posição dos elementos na composição das imagens revela alguns valores: a seção superior apresenta os elementos com mais emotividade, idealização e prestígio, ao passo que a parte inferior apresenta elementos mais pragmáticos e informativos. Observamos que o espaço “ideal” foi utilizado para dispor o box com o texto verbal,

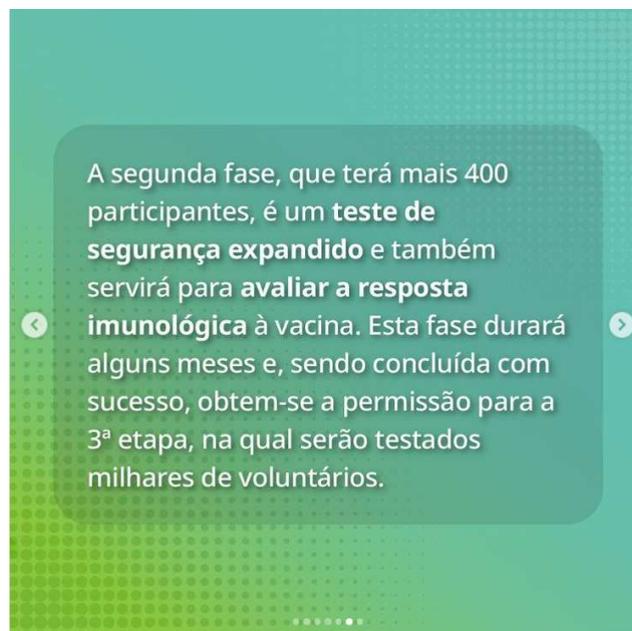
o que denota seu grau de importância, e o “real” foi dedicado à imagem do DNA, que pode ser considerada comum na área da ciência, mas pode ser de difícil compreensão ao leitor por não dialogar com as informações presentes no texto verbal.

Em relação à saliência, podemos observar o boxe que destaca o texto verbal e a imagem da fita de DNA que se mostra excessivamente saliente. Os elementos que representam a sequência e a posição dos *cards* no carrossel e as setas de transição também podem ser observados, bem como o grafismo de *halftone* utilizado no fundo, conforme *cards* anteriores.

A utilização do boxe com cor de fundo diferenciada é um recurso de saliência, mas também representa um elemento emoldurado. Dessa forma, a moldura demarca o “bloco” de informação e dá destaque ao texto verbal.

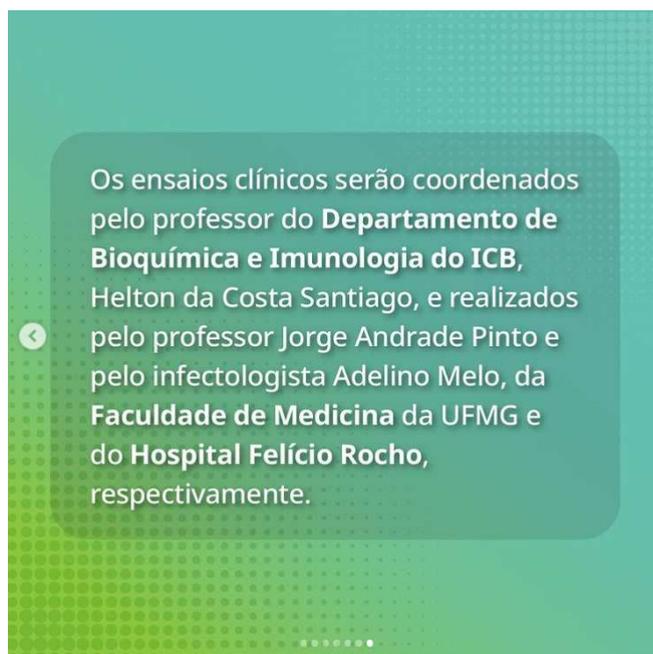
6.2.4 Análise dos *cards* F e G

Figura 10 – Card F da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Figura 11 – Card G da série sobre imunizante contra a covid-19, de 5/10/2022



Fonte: Perfil oficial da UFMG no Instagram, 2022

Os *cards* F e G apresentam a mesma configuração, na medida em que a paisagem comunicacional é composta dos mesmos recursos semióticos. Aqui nossa análise se pauta pelos significados composicionais.

No que se refere ao valor de informação, observamos que o box que demarca o texto verbal está posicionado ao centro. Ao ser arranjado dessa forma, ele se torna o elemento principal, ou seja, núcleo da informação.

Outra dimensão dos significados composicionais é a saliência. O recurso de negrito foi aplicado a palavras que denotam ação e resultado (*card* F) e aos nomes das instituições às quais pertencem os pesquisadores (*card* G). O box com tom de cor diferente, utilizado para destacar o texto verbal, também é um recurso de saliência, assim como o grafismo de *halftone* (padrão de pontos com variação de tamanho e densidade, organizados em linhas circulares) utilizado no fundo. Como nos *cards* anteriores, aqui também estão presentes os elementos que representam a sequência e a posição dos *cards* no carrossel e as setas de transição para avançar ou retroceder.

Por fim, observamos que o texto verbal aparece dentro de uma margem específica, com uma cor de fundo diferenciada. Nesse sentido, temos a utilização de um recurso de moldura, que foi arranjado para dar ênfase ao conjunto verbal.

6.3 Considerações sobre a dinâmica de retextualização na produção de *cards*

Esta seção trata das transformações verificadas do gênero de partida (notícia) para o texto de chegada (*cards*), a fim de compreendermos a dinâmica de retextualização na produção da série de *cards*. Lembramos que tanto a notícia como os *cards* foram produzidos com o objetivo de divulgar a SpiN-Tec, imunizante contra a covid-19 que está sendo desenvolvido no CTVacinas da UFMG.

No ambiente institucional de uma universidade, uma profusão de textos é cotidianamente produzida e veiculada nos mais diferentes suportes, sejam eles impressos ou digitais. Como assinala Ribeiro (2010), grande parte dessas publicações é resultado de um processo em que textos “originais” são transformados em textos editados ou, segundo a autora, “tratados”, em geral, por vários tipos de profissionais do texto, os quais compõem uma extensa rede de editores, preparadores, copidesques e revisores. Isso caracteriza um intenso processo de reorganização da matéria-prima linguística, que gera uma cadeia de produção de textos que tomou como base, em maior ou menor intensidade, textos anteriores (Ribeiro, 2020, p. 65). Nesse sentido, propõe-se aqui o estudo da retextualização como um processo que implica a passagem de um gênero canônico e mais estável – a exemplo do artigo, da notícia e da reportagem – produzido no ambiente institucional da UFMG, para um texto imagético, com vários recursos semióticos integrados, como o *card* do Instagram.

No processo de retextualização, os textos adquirem nova conformação linguístico-discursiva para se adequarem ao novo contexto de comunicação. Nesse viés, parece evidente que as alterações textuais, seja pela via da retextualização para outras mídias, seja pela inclusão de novas modalidades de signos, acarretam mudanças na prática do profissional do texto, que, por isso, precisa ampliar sua concepção de textos, bem como conhecer a gramática do *design* visual, com especial atenção à formação de sentidos do conjunto verbal (escrito ou oral) e outros modos semióticos.

D'Andréa e Ribeiro (2010, p. 65) explicam que:

as diferentes atividades relacionadas à produção textual, assim como as profissões ou funções a ela associadas, tais como a revisão e a edição de textos, vêm ganhando crescente importância, ao mesmo

tempo que passam por grandes transformações, entre outros fatores, por causa do impacto das tecnologias digitais de produção e transmissão de informações no tratamento dos textos para produção editorial.

Na sequência, apresentamos um quadro em que o texto verbal da notícia e o texto verbal da série de *cards* são dispostos lado a lado, a fim de que possamos verificar as alterações (ou inalterações) no processo de transposição de um texto a outro. As cores foram utilizadas para relacionar as informações em comum.

Quadro 3 – Quadro comparativo entre os elementos linguísticos do texto de partida e do texto de chegada

Notícia publicada no Portal UFMG (4/10/22)	Cards publicados no perfil oficial da UFMG no Instagram (5/10/22)
<p>Título: Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec</p> <p>Bigode: Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho</p> <p>Legenda da foto: CTVacinas avança mais uma etapa na produção da SpiN-Tec</p> <hr/> <p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) acaba de autorizar os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec, vacina contra a covid-19 que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG. Os testes, que devem ter início no mês que vem, ocorrerão na Faculdade de Medicina e no Hospital Felício Rocho.</p> <p>Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Ricardo Gazzinelli, que é pesquisador do CTVacinas e da Fundação OswaldoCruz (Fiocruz), a autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. "Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional", diz.</p> <p>O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança do imunizante. "É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para os testes da fase 2", diz Gazzinelli. Nessa primeira etapa, a vacina será aplicada em 80 voluntários, divididos em dois grupos: um de pacientes com menos de 59 anos e outro de pacientes entre 59 e 85 anos de idade.</p> <p>A segunda fase, que conta com mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também avalia a resposta imunológica à vacina. "A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem e a 2, em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Concluídas as duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de voluntários serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida", explica Gazzinelli.</p> <p>Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Helton da Costa Santiago e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto, na Faculdade de Medicina da UFMG, e pelo infectologista Adelino Melo, no Hospital Felício Rocho.</p> <p>Os trabalhos da SpiN-Tec envolvem equipe de mais de 20 pesquisadores ligados ao CTVacinas da UFMG, entre eles os professores Ricardo Gazzinelli, Santuza Teixeira, Flávio da Fonseca e Helton Santiago, e os pesquisadores Graziella Rivelli, Ana Paula Fernandes, Natalia Salazar, Flávia Bagno, Natalia Homo-Souza e Júlia Castro.</p> <p>Os ensaios clínicos serão financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), pela Prefeitura de Belo Horizonte, pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e pelo Congresso Nacional. Parte dos ensaios analíticos, testes de pureza do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e do produto final, estudos pré-clínicos de segurança e envase do produto em condições de boas práticas laboratoriais foram feitos em parceria com a Fundação Ezequiel Dias (Funed), com o Laboratório Nacional de Biociências (LNBIO), com o Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e com o Laboratório Cristália.</p>	<p>SpiN-Tec</p> <p>Imunizante da UFMG contra a covid avança e já pode ser testado em humanos.</p> <p>A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou que o imunizante SpiN-Tec, elaborado pela UFMG em parceria com outras universidades e que utiliza insumos e tecnologias 100% nacionais, avançou mais uma etapa no seu desenvolvimento e agora já poderá ser testado em humanos.</p> <p>Segundo o professor e um dos coordenadores da pesquisa, Ricardo Gazzinelli, a 1ª etapa de testes deve começar em novembro deste ano e, constatando a eficácia do imunizante, a 2ª etapa deve ocorrer em fevereiro de 2023.</p> <p>O ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança da vacina. "É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para a fase 2", explica.</p> <p>Nessa primeira etapa, os testes serão feitos com 80 voluntários, divididos em dois grupos, que contarão com pacientes entre 18 e 59 anos e outro com pessoas entre 59 e 85 anos.</p> <p>A segunda fase, que terá mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também servirá para avaliar a resposta imunológica à vacina. Esta fase durará alguns meses e, sendo concluída com sucesso, obtém-se a permissão para a 3ª etapa, na qual serão testados milhares de voluntários.</p> <p>Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB, Helton da Costa Santiago, e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto e pelo infectologista Adelino Melo, da Faculdade de Medicina da UFMG e do Hospital Felício Rocho, respectivamente.</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que o processo de retextualização implica modificações consistentes num determinado texto-base para atender a novos propósitos comunicativos e também para adequá-lo ao perfil de um novo gênero, é possível perceber, observando-se o quadro comparativo, que o conteúdo do título, do bigode e de parte do primeiro parágrafo foi retextualizado, por meio de paráfrase, e estrategicamente sintetizado e reacomodado na capa que abre a série de *cards*, chamando, assim, a atenção do interlocutor. Na composição do primeiro *card*, houve uma alteração na informação em relação àquela veiculada no texto-base. Na notícia, fala-se que a Anvisa “autorizou” os testes, e, no *card*, afirma-se que o órgão regulador “divulgou” que o imunizante Spin-Tec avançou mais uma etapa no seu desenvolvimento e que agora já poderá ser testado em humanos. Há de se ter cuidado com qualquer adulteração na informação veiculada no texto-base para que a intenção comunicativa não seja prejudicada num processo de retextualização.

O segundo *card* utiliza a autoridade citada no segundo parágrafo do texto-base (o coordenador da pesquisa), mas seleciona uma afirmativa presente no quarto parágrafo da notícia, ou seja, a informação das possíveis datas de início dos testes, o que comprova que, para quem produziu o texto do *card*, essa é uma informação relevante para o leitor em relação às outras contidas na fala do coordenador da pesquisa. Esse é outro ponto importante numa retextualização, pois é preciso eleger critérios para priorizar as informações que vão migrar do texto-base para o novo texto, no caso dos *cards*, um texto muito mais sucinto.

O conteúdo do terceiro *card* é uma simples reprodução do que constitui a primeira metade do terceiro parágrafo da notícia. Percebe-se, então, que não houve um processo elaborado de retextualização e reescrita, o que exige ajustes no texto-base para acomodá-lo à nova situação discursiva. A transcrição direta, entre aspas, da fala da autoridade citada na notícia mereceria um ajuste para se adequar à nova configuração do texto. No entanto, foi utilizada tal e qual.

O quarto *card* replica o conteúdo presente na segunda metade do terceiro parágrafo da notícia e só efetua alterações no plano vocabular. Na notícia, emprega-se a frase “a vacina será aplicada em 80 voluntários”, enquanto, no *card*, usa-se “os testes serão feitos em 80 voluntários”. Não se pode dizer se foi adotado algum critério objetivo para efetuar essa reescrita.

O quinto *card*, particularmente no seu início, reproduz fielmente o conteúdo presente no quarto parágrafo da notícia, já que, na segunda metade do texto, optou-se por transformar a fala da autoridade transcrita diretamente na notícia em discurso indireto, diferentemente do que ocorre no terceiro *card*. Aqui caberiam as perguntas: qual o critério utilizado para, desta vez, utilizar o discurso indireto para reproduzir o depoimento do coordenador da pesquisa? Poderíamos arriscar que o objetivo foi o de sintetizar o conteúdo para caber no espaço do *card*?

Finalmente, o último *card* traz o conteúdo do penúltimo parágrafo da notícia, que reúne os profissionais que conduzem o trabalho, informação importante para dar visibilidade à UFMG, como instituição de pesquisa. Entretanto, não se aproveitou do texto-base o conteúdo do último parágrafo que está relacionado à divulgação dos financiadores. Parece que, para o produtor do texto, a informação não foi tão relevante a ponto de merecer divulgação no perfil que veiculou os *cards*.

O que se pode verificar, então, com base nesse detalhamento, é a dificuldade de identificarmos os critérios utilizados na transposição do texto-base para os textos que compõem os *cards*. Ainda que se tenha verificado uma preocupação do produtor do texto em manter apenas informações essenciais do texto-base, tentando combiná-las a imagens significativas em relação ao tema, não se pode afirmar, de fato, que o processo de retextualização tenha atingido os propósitos comunicacionais do ato. Em outras palavras, parece-nos que, ao sintetizar o conteúdo verbal da notícia, o produtor dos *cards* deixou de informar alguns aspectos relevantes – parcerias, agências de fomento, entre outros – não observando a hierarquia de importância das informações. Assim, o profissional trouxe citações diretas dos pesquisadores envolvidos no desenvolvimento da vacina, mas não deu destaque visual (negrito, topicalização) a informações que poderiam levar o público-leitor a uma melhor compreensão dos fatos noticiados. Ademais, os recursos imagéticos não contribuíram para essa compreensão.

6.4 Proposta de retextualização para uma melhor interação entre as instâncias de produção e recepção

Nesta seção, apresentamos uma proposta de retextualização que se orienta pelos resultados obtidos por meio de nossa pesquisa, no que diz respeito à

adequação que deve haver entre o texto de partida e as novas condições comunicacionais do texto de chegada. Dessa forma, considerando o novo propósito da interação, o perfil dos usuários da rede social Instagram, o momento atual, propusemos alterações linguístico-discursivas a fim de condensar as informações, com objetividade, concisão, sequências predominantemente expositivas e topicalização do conteúdo em alguns *cards*.

Paralelamente, criamos um projeto gráfico⁷ no qual os elementos imagéticos se articulam com o texto verbal. Para tanto, atentamo-nos à paleta de cores, à tipografia e às imagens culturalmente compartilhadas e facilmente compreendidas pelos potenciais leitores. Nesse sentido, chamamos a atenção para o último *card* da série aqui proposta, o qual traz informações sobre financiamento e parcerias da pesquisa de desenvolvimento do imunizante SpiN-Tec. Em vez de dispor as informações por meio de texto verbal, pensamos que utilizar as logomarcas pode ser uma estratégia para deixar o texto mais atrativo visualmente. As logomarcas são elementos importantes, pois destacam a participação das instituições. Apresentamos, a seguir, uma proposta de retextualização do conteúdo verbal (Quadro 4), em que tentamos não apenas sintetizar as informações, mas também dar destaque visual aos dados que nos parecem mais relevantes para o novo contexto de circulação, a exemplo do respaldo da agência de vigilância sanitária, das etapas de desenvolvimento da pesquisa, dos responsáveis e financiadores.

⁷ Projeto elaborado com a colaboração da *designer* Giovana Machado.

Quadro 4 – Proposta de retextualização do conteúdo verbal

SpiN-Tec

Anvisa autoriza ensaios clínicos do imunizante da UFMG contra a covid-19

Testes vão verificar segurança de resposta imunológica da vacina em humanos

Importância

Autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG avancem.

Início dos testes da Fase 1: novembro de 2022

Previsão de início dos testes da Fase 2: fevereiro de 2023

Onde: Faculdade de Medicina da UFMG e Hospital Felício Rocho

Fase 1

Objetivo: testar a segurança do imunizante

Número de voluntários: 80, divididos em dois grupos.

- pessoas com menos de 59 anos
- pessoas de 59 a 85 anos

Nessa etapa, é selecionada a dose ideal que seguirá para os testes da fase 2.

Fase 2

Objetivo: expansão do teste de segurança, que avalia também a resposta imunológica à vacina.

Número de voluntários: 400

Após a conclusão da fase 2, obtém-se a autorização para a fase 3, com testagem em milhares de voluntários.

Apenas após aprovação nas três fases, a vacina é registrada e pode ser produzida.

Responsáveis

Coordenador da pesquisa: Ricardo Gazzinelli (CTVacinas, FIOCRUZ e ICB)

Ensaio clínicos: Helton da Costa Santiago (Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB)

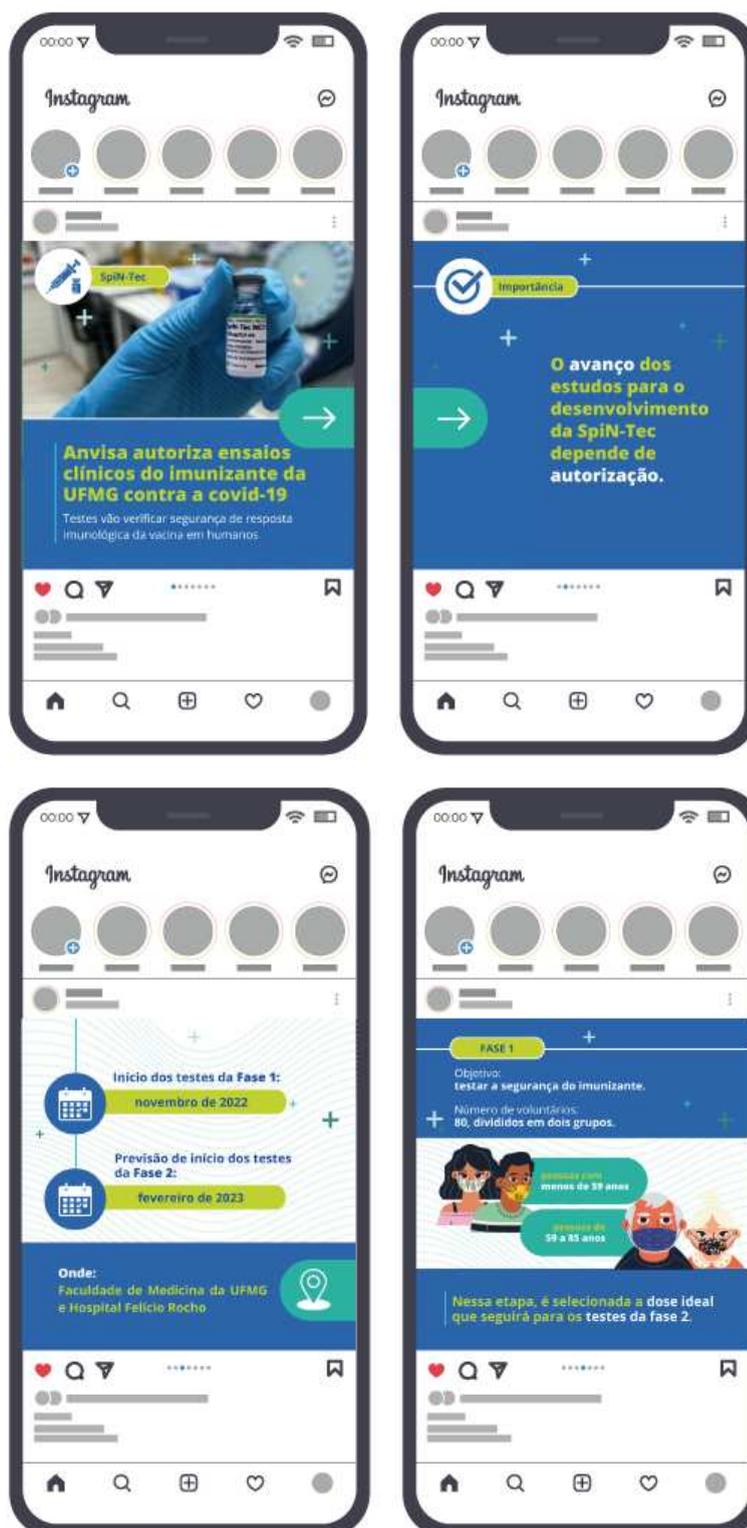
Realização dos testes: Jorge Andrade Pinto (Faculdade de Medicina) e Adelino Melo (Hospital Felício Rocho)

Financiadores: Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), Prefeitura de Belo Horizonte, Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e Congresso Nacional

Parceiros: Fundação Ezequiel Dias (Funed), Laboratório Nacional de Biotecnologia (LNBIO), Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e Laboratório Cristália

Apresentada a proposta de retextualização para o conteúdo verbal, propusemos a articulação dessas informações aos elementos imagéticos, conforme se verifica na série de *cards* a seguir (ANEXO C).

Figura 12 – Nova série de *cards*



Nesta seção, propusemos um exercício de retextualização com o objetivo de aplicar a fundamentação teórica discutida na pesquisa. A produção da nova série de *cards* nos possibilitou a análise de aspectos textuais e contextuais relacionados à nova situação de comunicação e dos processos que permeiam o ambiente institucional. Essa nova proposta foi orientada pelas dimensões genéricas, pela multimodalidade e por elementos do contexto de produção, circulação e funcionalidades.

No *card* de capa, foram empregados título (*bold*) e subtítulo (fonte menor) em alusão à manchete e ao bigode da notícia. Para dar credibilidade ao estudo, trouxemos a foto da própria vacina que mostra o objeto real do qual está se falando: uma vacina que já existe e tem nome. As cores – azul e verde – relacionam-se com a área da saúde, mas também reproduzem as cores da foto (cor da luva e detalhes do frasco), que dão harmonia e unidade ao conjunto de *cards*. As linhas curvas foram utilizadas para quebrar a monotonia da horizontalidade na sequência dos blocos e para indicar a continuidade do assunto.

Por fim, a ideia foi dispor menos texto verbal e utilizar ícones relacionados à informação, imagens de pessoas para identificar o público-alvo, logomarcas para destacar as instituições parceiras, entre outros, para ver aplicados elementos característicos do modo semiótico *card*, como resultado de retextualização, e tornar o conteúdo informativo mais atrativo, de fácil entendimento e compatível com o seu contexto de veiculação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, foi empreendida uma análise detalhada sobre retextualização de textos institucionais no contexto digital, com foco na produção de *cards* institucionais veiculados no perfil oficial da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Instagram. Esse processo investigativo foi motivado pela necessidade de compreender como os textos, originalmente concebidos em gêneros mais formais, são adaptados e reconfigurados para atender às demandas comunicativas dos ambientes digitais, em específico das redes sociais *online*.

A pesquisa partiu de uma observação direta das mudanças no cenário comunicacional, especialmente impulsionadas pelo contexto de ensino remoto decorrente da pandemia de covid-19, que demandou uma comunicação mais dinâmica e objetiva por parte das instituições de ensino, entre as quais, a UFMG. Nesse contexto, os *cards* institucionais surgiram como uma ferramenta importante para divulgar informações relevantes de forma acessível e atrativa, utilizando elementos multimodais para alcançar um público amplo.

No decorrer da investigação, foi possível verificar que a retextualização desses textos, especialmente a partir de gêneros jornalísticos e científicos, ocorre não por uma adaptação superficial, mas, sim, por uma reconfiguração profunda para adequá-los ao novo contexto e às exigências da plataforma digital. No caso concreto analisado, o processo de retextualização implicou modificações profundas na estrutura do texto, o que é esperado, já que o texto-base (notícia) e o texto de chegada (*cards*) são bem diferentes em relação a esse aspecto. Houve também uma condensação do conteúdo, uma vez que o novo meio de circulação demanda menor quantidade de linguagem verbal. Contudo, nesse processo, perderam-se dados que seriam importantes para a compreensão do leitor, uma vez que houve basicamente uma fragmentação do texto-base e um aproveitamento de informações que o compõem, fazendo-as migrar de forma sintética para os *cards*.

Nessa perspectiva, o processo de reconfiguração não se restringe apenas ao aspecto textual, mas engloba também a seleção e articulação de recursos semióticos, como imagens, cores, tipografia e elementos gráficos, que contribuem para a produção de significados específicos e a criação de uma identidade visual coerente com a marca institucional.

Além disso, a análise mostrou que a multimodalidade desempenha papel fundamental nesse processo de retextualização, pois possibilita a combinação e integração de diferentes modos de representação, ampliando as potencialidades comunicativas dos textos e enriquecendo sua expressividade. Por outro lado, observamos que nem todas as categorias da Gramática do Design Visual são passíveis de aplicação para análise de situações concretas. Nesse sentido, deve haver uma modalização para adaptar e ajustar os elementos visuais de acordo com o contexto específico de comunicação, o público-alvo, as características culturais, a plataforma e as tendências atuais. Isso garante que a comunicação visual seja eficaz, relevante e significativa para seu público pretendido.

No tocante à revisão textual – minha área de atuação –, com base na pesquisa realizada, defendemos que é imperativo que o profissional adote um olhar crítico ao lidar com o gênero em questão, considerando não apenas os aspectos verbais escritos, mas também outros recursos semióticos que contribuem para a construção de significado e efeitos discursivos em contextos sociais. É fundamental que o revisor conheça a multimodalidade para compreender e interpretar a organização da sintaxe visual que compõe o sentido de uma paisagem comunicacional, conseguida por meio da seleção, produção e adaptação de uma variedade de recursos semióticos motivados. Mesmo tendo um conhecimento intuitivo sobre a natureza do gênero, sua estrutura típica e a esfera discursiva envolvida, o revisor deve ter uma compreensão teórica consciente do texto que está revisando.

Por fim, é importante ressaltar que o estudo realizado contribui não apenas para o avanço do conhecimento teórico sobre retextualização e multimodalidade, mas também para uma atuação mais reflexiva e estratégica na produção de conteúdo para ambientes digitais. Esperamos que as contribuições aqui apresentadas possam servir de referência para futuras pesquisas nessa área e para o aprimoramento das práticas comunicativas nas instituições de ensino e pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Retóricas**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

BARBOSA, Luana Macieira. O gênero textual como elemento de divulgação científica. **Revista do Edicc**, Campinas, v. 5, n.1, p. 23-32, out. 2018.

BARBOSA, Luana Macieira. Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec. **Portal UFMG**. Belo Horizonte: UFMG, 2022. Galeria de Notícias. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ensaios-clinicos-da-spin-tec-sao-autorizados>. Acesso em: 20 mar. 2023.

BARBOSA, Vânia Soares. Do leitor ao leitor-olhante: percursos de uma leitura multimodal. In: SANTOS, Zaira Bomfante dos; GUALBERTO, Clarice Lages (Orgs.). **Semiótica Social e multimodalidade: Um tributo a Gunther Kress**. Vitória, ES: Edufes, 2023. p. 194-204.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.

BRITO, Regina Célia Lopes; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira. A Gramática do Design Visual. In: LIMA, Cássia Helena Pereira; PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira; AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta (Org.). **Incursões semióticas: Teoria e Prática de Gramática Sistemico-Funcional, Multimodalidade, Semiótica Social e Análise Crítica do Discurso**. Rio de Janeiro: Livre Expressão, 2009. p. 87-117.

CARVALHO, Flaviane Faria. A semiótica social das cores e das formas **tipográficas**: conceitos, categorias e aplicações. **Discursos Contemporâneos em Estudo**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 47-65, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/discursos/article/view/8289>. Acesso em: 27 mar. 2024.

CARVALHO, Flaviane Faria. Situando a Semiótica Social Visual no quadro teórico das demais semióticas no âmbito da Linguística. In: CARVALHO, Flaviane Faria. **Temas Contemporâneos em Semiótica Visual**. Brasília: CEPADIC, 2013. p. 1-12. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/wp-content/uploads/sites/125/2022/03/T-EMAS-CONTEMPORANEOS-EM-SEMIOTICA.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

D'ANDREA, Carlos Frederico de Brito; RIBEIRO, Ana Elisa. Retextualizar e reescrever, editar e revisar: reflexões sobre a produção de textos e as redes de produção editorial. **Veredas** on-line, PPG Linguística/UFJF, Juiz de Fora, 1/2010, p. 64-74.

DIKSON, Dennys. A retextualização escrita-escrita. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [online], v. 18, n. 3, p. 503-529, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201813068>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GUALBERTO, Clarice Lages. **Multimodalidade em livros didáticos de língua portuguesa**: uma análise a partir da semiótica social e da gramática do design visual, 2016. 179 f. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, 2016. Disponível em: <https://bitly.com/9DV1d>. Acesso em: 27 mar. 2024.

GUALBERTO, Clarice Lages; SANTOS, Zaira Bomfante dos. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado da arte. **D.E.L.T.A.** v. 35, n. 2, p. 1-30, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/delta/v35n2/1678-460X-delta-35-02-e2019350205.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2024.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **An introduction to Functional Grammar**. London: Hodder Education, 2004.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2012.

KRESS, Gunther. **Literacy in the new media age**. London: Routledge, 2003.

KRESS, Gunther. **Multimodality**: A social semiotic approach to contemporary communication. London: Routledge, 2010.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. Colour as a semiotic mode: notes for a grammar of colour. **Visual Communication**, 1 (3), 2002.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Multimodal discourse**. The modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold, 2001.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theodore. **Reading images**. The grammar of visual design. 2. ed. London: Routledge, 2006.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. Divulgação científica: missão inadiável da universidade. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 46-47, 1996.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEIBRUDER, Ana Paula. Discurso de divulgação científica. In: BRANDÃO, Helena Nagamine. **Gêneros do discurso na escola**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2022. p. 229-253.

MATENCIO, Maria de Lourdes M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 3., 2003. Rio de Janeiro. **Anais** [...] Rio de Janeiro, Universidade federal do Rio de Janeiro, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MEURER, José Luís; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée. (Org.). **Gêneros**: teorias, métodos, debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOSER, Laís Campos. **Comunicação e universidades**: a comunicação pública da ciência e a divulgação científica em universidades públicas do Sul do Brasil. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

MOTTA-ROTH, Désirée. Questões de metodologia em análise de gêneros. 3 ed. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Org.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011, v. 1, p. 153-173.

MOTTA-ROTH, D.; MARCUZZO, P. Ciência na mídia: análise crítica de gênero de notícias de popularização científica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n. 3, p. 511-538, 2010.

PAIVA, Francis Arthuso. Concepção de texto multimodal na leitura de infográfico digital por meio de protocolo verbal. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 64, jan./jun. 2013. p. 118-134.

PAIVA, Francis Arthuso. Práticas de letramento e produção de sentido de layouts na multimodalidade. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 98-127, 2021.

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. Os impactos da ciência aberta na divulgação científica. **Leitura: teoria & Prática**. Campinas, São Paulo, v. 40, n. 86, p. 69-86, 2022.

PIMENTA, Sônia Maria de Oliveira. A Semiótica Social e a Semiótica do Discurso de Kress. In: MAGALHÃES, Célia Maria (Org.) **Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso**. Série Estudos Linguísticos, v.2, Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p. 185-206.

QUEIROZ, Giuliana Batista Rodrigues de; BECKER, Valdecir. Jornalismo e divulgação científicos nas universidades brasileiras: análise de estratégias para facilitar o acesso à C&T. **Brazilian Journalism Research (BJR)**, Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBpJor), v. 2, n. 3, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Em busca do texto perfeito**: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. Divinópolis: Artigo A, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Multimodalidade, textos e tecnologias**: provocações para a sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2021.

RIBEIRO, Ana Elisa. **Textos multimodais**. Leitura e produção. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

RIBEIRO, Ana Elisa. Textos multimodais na sala de aula: exercícios. **Revista Triângulo**, v. 13, n. 3 set - dez. 2020, p. 24 - 38.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues; BARBOSA, Jaqueline Peixoto. Como se organizam os gêneros. In: **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROJO, Roxane Helena Rodrigues. Pedagogia dos multiletramentos. In: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

SANTOS FILHO, José Camilo; GAMBOA, Sílvio Sánchez. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. São Paulo: Cortez, 2013.

SARTORI, Adriane Teresinha. **O processo de produção de textos escritos na escola: teorias e práticas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 142p.

SWALES, J. **English in academic and research settings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TÔZO, Carla de Oliveira. A contribuição do jornalismo produzido nas universidades públicas para o acesso ao conhecimento científico de qualidade. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte, PUC Minas: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2023. p. 1-15.

TRAVAGLIA, Neusa Gonçalves. **Tradução retextualização**: a tradução numa perspectiva textual. Uberlândia: Edufu, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. SpiN-Tec, imunizante da UFMG contra a covid. **Instagram**, [S.l.], 5 out. 2022. Centro de Comunicação UFMG. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CjWKlxfsZZD/?img_index=1. Acesso em: 20 mar. 2023.

VAN LEEUWEN, Theodore. A Social Semiotic Theory of Synesthesia? – A Discussion Paper. *Hermes – Journal of Language and Communication in Business*, n. 55, 2016, p. 105-112.

ANEXOS

ANEXO A – Notícia "Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec"

Universidade Federal de Minas Gerais

POR
🔍

INICIAL > COMUNICAÇÃO > NOTÍCIAS > ANVISA AUTORIZA ENSAIOS CLÍNICOS...

Pesquisa e Inovação

Anvisa autoriza ensaios clínicos da SpiN-Tec

Testes de segurança e de resposta imunológica da vacina em humanos serão realizados na Faculdade de Medicina da UFMG e no Hospital Felício Rocho

terça-feira, 4 de outubro 2022, às 10h31
atualizado em terça-feira, 4 de outubro 2022, às 20h56



CTVacinas avança mais uma etapa na produção da SpiN-Tec.
Marcelo Lima - UFMG

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) acaba de autorizar os testes clínicos de fase 1 e 2 da SpiN-Tec, vacina contra a covid-19 que está sendo desenvolvida no CTVacinas da UFMG. Os testes, que devem ter início no mês que vem, ocorrerão na Faculdade de Medicina e no Hospital Felício Rocho.

Segundo o professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Ricardo Gazzinelli, que é pesquisador do CTVacinas e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a autorização é condição para que os estudos para o desenvolvimento da vacina avancem. "Para que consigamos registrar o imunizante, as etapas de ensaios clínicos são essenciais. O início dos testes nos aproxima da produção da vacina nacional", diz.

O pesquisador explica que o ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, testará a segurança do imunizante. "É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para os testes da fase 2", diz Gazzinelli. Nessa primeira etapa, a vacina será aplicada em 80 voluntários, divididos em dois grupos: um de pacientes com menos de 59 anos e outro de pacientes entre 59 e 85 anos de idade.

A segunda fase, que conta com mais 400 participantes, é um teste de segurança expandido e também avalia a resposta imunológica à vacina. "A estimativa é que a fase 1 comece no mês que vem e a 2, em fevereiro de 2023, estendendo-se até o fim do primeiro semestre. Concluídas as duas fases, obtém-se a autorização para a fase 3, na qual milhares de voluntários serão testados. Só depois a vacina é registrada e pode ser produzida", explica Gazzinelli.

Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB Helton da Costa Santiago e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto, na Faculdade de Medicina da UFMG, e pelo infectologista Adelino Melo, no Hospital Felício Rocho.

Parcerias
Os trabalhos da SpiN-Tec envolvem equipe de mais de 20 pesquisadores ligados ao CTVacinas da UFMG, entre eles os professores Ricardo Gazzinelli, Sanluza Teixeira, Flávio da Fonseca e Helton Santiago, e os pesquisadores Graziella Rivelli, Ana Paula Fernandes, Natalia Salazar, Flávia Bagno, Natalia Homo-Souza e Júlia Castro.

Os ensaios clínicos serão financiados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI), pela Prefeitura de Belo Horizonte, pela Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG) e pelo Congresso Nacional. Parte dos ensaios analíticos, testes de pureza do ingrediente farmacêutico ativo (IFA) e do produto final, estudos pré-clínicos de segurança e envase do produto em condições de boas práticas laboratoriais foram feitos em parceria com a Fundação Ezequiel Dias (Funed), com o Laboratório Nacional de Biociências (LNBIO), com o Centro de Inovação e Ensaios Pré-clínicos (Cienp) e com o Laboratório Cristália.

(Luana Macieira)

f
t
in
✉

Últimas notícias



Alberto Laender, do DCC, é o novo professor emérito da UFMG



Licenciaturas da UFMG discutem práticas e formação docente



Campanha arrecada produtos de higiene para pessoas vulneráveis



Psicanálise não é pseudociência, defendem Gilson Iannini e Cristian Dunker



'Afirmção na pós' prepara estudantes para concorrer a vagas em cursos de mestrado

[Ver todas as notícias >](#)

Eventos

13

abr

Oportunidades de estágio e trabalho: feira Mercado em Conexão reúne 20 empresas no campus Pampulha a partir de terça-feira

13

abr

Abertas inscrições para o encontro nacional de estudos de defesa que será realizado na UFMG

13

abr

Abril Indígena: oficina no Espaço do Conhecimento ensina palavras em Tupi Potiguara

13

abr

Movimento 'Quem ama não mata', coordenado por professora da UFMG, promove palestra sobre feminismo

[Todos os eventos >](#)

Links relacionados

Assessoria de Imprensa

Boletim

Eventos

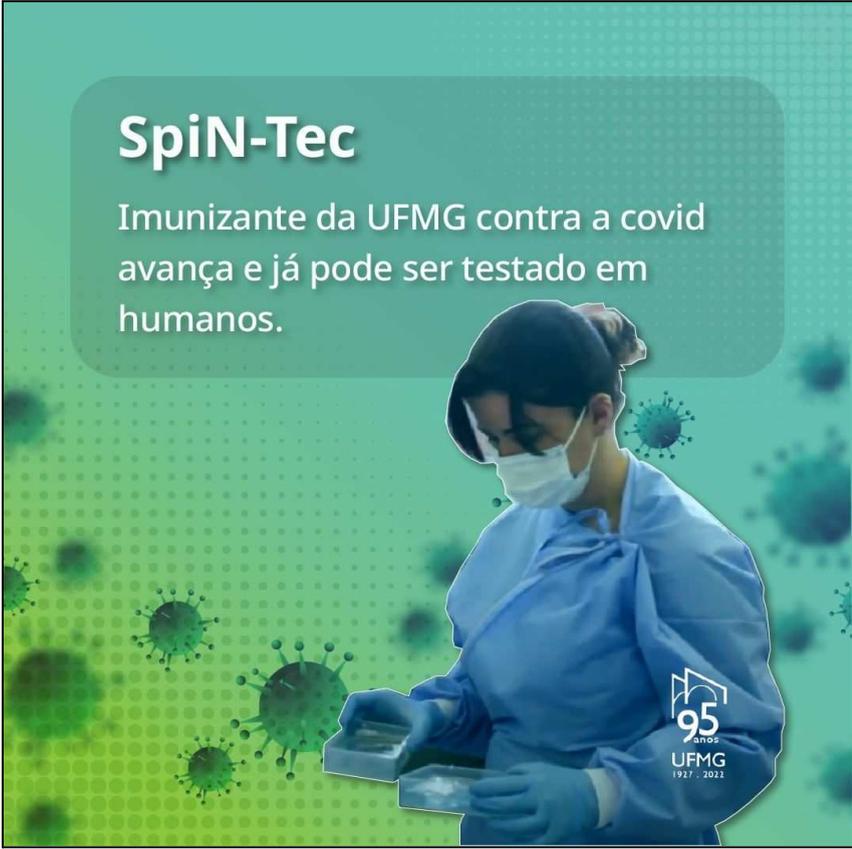
Rádio UFMG Educativa

Revista Diversa

TV UFMG

UFMG na Rede

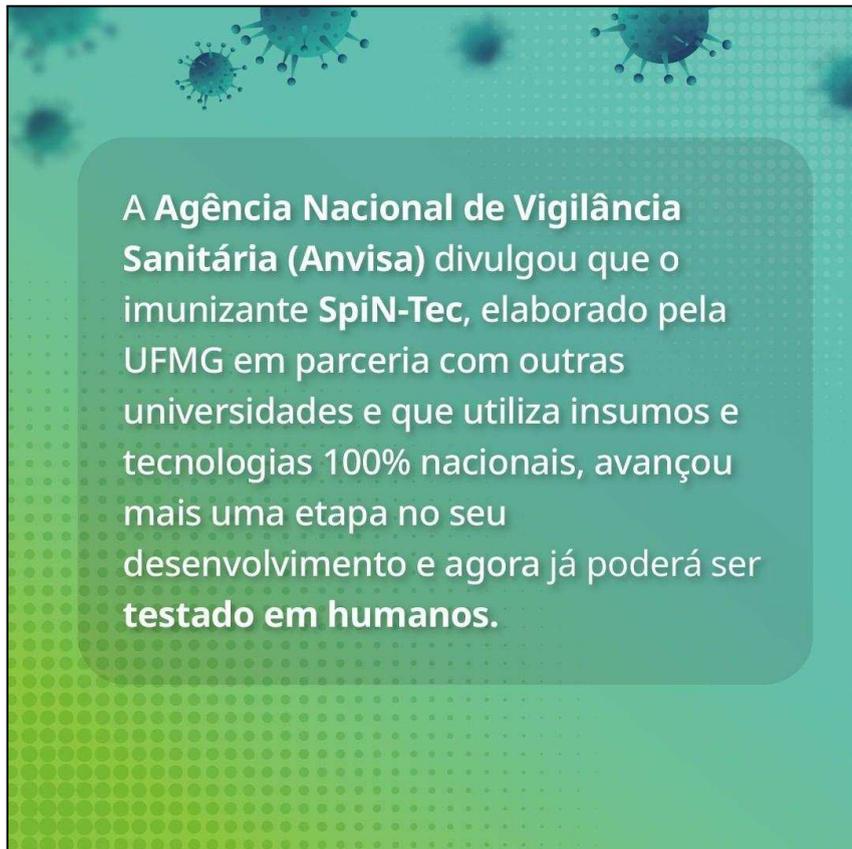
Redes Sociais

ANEXO B – Série de *cards* produzida em campanha institucional

SpiN-Tec

Imunizante da UFMG contra a covid avança e já pode ser testado em humanos.

95 anos
UFMG
1927 - 2022



A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) divulgou que o imunizante SpiN-Tec, elaborado pela UFMG em parceria com outras universidades e que utiliza insumos e tecnologias 100% nacionais, avançou mais uma etapa no seu desenvolvimento e agora já poderá ser **testado em humanos.**

Segundo o professor e um dos coordenadores da pesquisa, Ricardo Gazzinelli, a **1ª etapa** de testes deve começar em **novembro** deste ano e, constatando a eficácia do imunizante, a **2ª etapa** deve ocorrer em **fevereiro de 2023**.



O ensaio clínico de fase 1, feito com acompanhamento próximo dos pacientes, **testará a segurança** da vacina. “É quando realizamos o escalonamento da dose, ou seja, nessa fase selecionamos a dose ideal que segue para a fase 2”, explica.





Nessa primeira etapa, os testes serão feitos com 80 voluntários, divididos em dois grupos, que contarão com pacientes entre 18 e 59 anos e outro com pessoas entre 59 e 85 anos.

A segunda fase, que terá mais 400 participantes, é um **teste de segurança expandido** e também servirá para **avaliar a resposta imunológica** à vacina. Esta fase durará alguns meses e, sendo concluída com sucesso, obtem-se a permissão para a 3ª etapa, na qual serão testados milhares de voluntários.

Os ensaios clínicos serão coordenados pelo professor do **Departamento de Bioquímica e Imunologia do ICB**, Helton da Costa Santiago, e realizados pelo professor Jorge Andrade Pinto e pelo infectologista Adelino Melo, da **Faculdade de Medicina da UFMG e do Hospital Felício Rocho**, respectivamente.

ANEXO C – Nova série de cards



 SpiN-Tec

Anvisa autoriza ensaios clínicos do imunizante da UFMG contra a covid-19

Testes vão verificar segurança de resposta imunológica da vacina em humanos



 Importância

O avanço dos estudos para o desenvolvimento da SpiN-Tec depende de autorização.





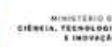


Responsáveis

Coordenador da pesquisa:
Ricardo Gazzinelli (CTVacinas, FIOCRUZ e ICB)

Ensaio clínico:
Helton da Costa Santiago (Departamento de
Bioquímica e Imunologia do ICB)

Realização dos testes:
Jorge Andrade Pinto (Faculdade de Medicina) e
Adelino Melo (Hospital Felício Rocho)

Financiadores:PREFEITURA
BELO HORIZONTEASSEMBLEIA
LEGISLATIVA
DE MINAS GERAISCONGRESSO
NACIONALMINISTÉRIO DA
CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E INOVAÇÃOGOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIR E EDUCAR**Parceiros:**FUNED
Fundação
Ezequiel DiasLNBio
Laboratório Nacional
de BiotecnologiaCIEnP
Centro de Inovação e
Transferência de
Tecnologia

CRISTÁLIA

CTVacinas
ufmg

UFMG